

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

JAQUELINE ALMEIDA SILVA

**SIGNIFICAÇÃO E (RE)SIGNIFICAÇÃO: OS PROCESSOS ALTERNATIVOS DE
SIGNIFICAÇÃO DE UM SUJEITO AFÁSICO**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

JAQUELINE ALMEIDA SILVA

**SIGNIFICAÇÃO E (RE)SIGNIFICAÇÃO: OS PROCESSOS ALTERNATIVOS DE
SIGNIFICAÇÃO DE UM SUJEITO AFÁSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

Silva, Jaqueline Almeida.

S58s Significação e (re)significação: os processos alternativos de
significação de um sujeito afásico / Jaqueline Almeida Silva, 2014.
84f.: il. ; algumas col.

Orientador (a): Carla Salati Almeida Ghirello-Pires.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia, Programa de Pós-graduação em
Linguística, Vitória da Conquista, 2014.
Referências: f. 82-84.

1. Neurolinguística – Sujeito afásico. 2. Afasia. I.
Ghirello-Pires, Carla Salati Almeida. II. Universidade Estadual do
Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em
Linguística. III.T.

CDD: 410

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Meaning and (re) signification: the alternative processes of signification of an aphasic subject

Palavras-chave em inglês: Subjectivity. Aphasia. Enunciative-discursive neurolinguistics.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Ivone Panhoca (UESB); Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire (UNICAMP)

Data da defesa: 27 de fevereiro de 2014

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

JAQUELINE ALMEIDA SILVA

**SIGNIFICAÇÃO E (RE)SIGNIFICAÇÃO: OS PROCESSOS ALTERNATIVOS DE
SIGNIFICAÇÃO DE UM SUJEITO AFÁSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 27 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB)
(Orientadora)



Prof.^a. Dr.^a Ivone Panhoca (UESB)



Prof.^a. Dr.^a. Fernanda Maria Pereira Freire (UNICAMP)

“Dedico este trabalho àqueles que me ensinaram, por meio de ações, qual o verdadeiro sentido da palavra amor.”

Meus pais – José e Agnólia -,
Minha avó Argemira (*in memoriam*),
que suportou bravamente os anos de afasia e Alzheimer.
Ela foi a minha real inspiração.

AGRADECIMENTOS

À FAPESB, pelo auxílio a esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, por ter possibilitado à elaboração deste trabalho.

À professora Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, pela orientação, por disponibilizar seu tempo para leituras e correções desta dissertação. Por ser tão amável e querida, sempre de bom-humor, compreensiva e pronta a me ajudar. Um exemplo de mulher e profissional.

À professora Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, pelas horas de dedicação ao programa de Pós-Graduação em Linguística e ao Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística – CECIN, e pelo amor e cuidado com os integrantes do grupo de pesquisa em neurolinguística.

À Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire, por se dispor a sair do seu estado para compor a banca examinadora desta dissertação. Agradeço também pelas sugestões e observações feitas na defesa desta dissertação.

Às Professoras Doutoradas Ivone Panhoca e Edvania Gomes da Silva, que estiveram na minha qualificação e me deram sugestões importantíssimas para a conclusão deste trabalho. E agradeço novamente a professora Ivone por compor a banca examinadora deste trabalho dissertativo.

A Deus, o nome sobre todos os nomes, digno de toda honra, glória e louvor. Que me deu forças e sustentação durante toda essa trajetória e colocou pessoas em minha vida que tornaram a caminhada menos difícil.

A meus pais, pelas orações, cuidado, ligações para saber se tudo estava bem. Por acreditarem no meu sonho e depositarem em mim sua confiança e orgulho. Mas, sobretudo agradeço pelo amor incondicional.

A Vanderlei, meu esposo, por estar junto comigo nesta caminhada, apoiando meus projetos e fazendo parte deles. Obrigada pela admiração, cuidado, por abdicar do seu tempo para me acompanhar em congressos e viagens por causa do mestrado, e por estar sempre disposto a me ajudar. Essa é de fato a verdadeira relação de reciprocidade e amor, que é revelada por meio das atitudes diárias.

Às minhas irmãs, que completam a nossa família, e por elas tenho profundo amor. À Dani por se prontificar a digitar partes dessa dissertação.

À amiga Emanuelle, que esteve comigo na graduação, nas especializações, no mestrado e já estamos fazendo planos para o futuro. E principalmente por ser uma verdadeira amiga e conselheira. Somos amigas-irmãs.

À SS que me mostrou o quanto a força de vontade faz a diferença na vida. Que sempre foi solícito e amável comigo e com todos do CECIN. Os dados proporcionados pela boa vontade de SS me levaram as lágrimas por diversas vezes, pois encontrei nele, uma pessoa que mesmo diante das dificuldades não se deixou abater pelas circunstâncias da vida. SS é um exemplo de superação.

Aos colegas do PPGLin, especialmente a Lucinéa, que não foi minha colega diretamente, pois faz parte da terceira turma, mas que me acolheu por diversas vezes em sua casa e se prontificou a fazer a leitura e correção desta dissertação.

RESUMO

Esta dissertação tem como principal objetivo discutir acerca das questões ligadas subjetividade que emerge através dos processos alternativos de significação do sujeito afásico. Este é um estudo de caso pautado na perspectiva do acompanhamento longitudinal do sujeito SS, afásico, 48 anos e que utiliza os processos alternativos de significação para conseguir expressar o dito intencionado. À luz dos pressupostos da Neurolinguística Enunciativa-Discursiva - NED, proposta por Coudry (1986), traçamos uma discussão que envolve os sujeitos afásicos enquanto sujeitos da linguagem e aliamos aos estudos filosóficos de Bakhtin (1929/2006) que nos mostra que a subjetividade dos indivíduos é proveniente das situações sócio-histórico-culturais que o cercam. Analisar o sujeito a partir da filosofia da linguagem bakhtiniana foi de suma importância, pois essa teoria abarca a heterogeneidade do sujeito, a alteridade, interação, como algo que constitui a subjetividade humana. E todo esse processo é mediado pela linguagem. Para a coleta e análise dos dados utilizamos a teoria do paradigma indiciário proposta por Carlo Ginzburg (1989) e a perspectiva de dado-achado, formulada por Coudry (1986). Portanto compreender as questões que envolvem a expressão da subjetividade através dos percursos enunciativos é necessário para que o olhar lançado sobre o indivíduo com afasia não seja de incompreensão, mas que esse sujeito seja visto como alguém que pode interagir a partir de situações discursivas.

PALAVRAS-CHAVE

Subjetividade. Afasia. Neurolinguística enunciativa-discursiva.

ABSTRACT

This dissertation has as its main purpose to discuss about the issues regarding the subjectivity which emerges through the aphasiac subject alternative processes of significance. This is a case study based on the longitudinal follow-up perspective of the subject, aphasiac, 48 years old and who uses alternate processes of significance to get to express the desired speech. Under the assumptions of Enunciative-Discursive Neurolinguistics – EDN, proposed by Coudry (1986), we outline a discussion involving aphasiac subjects as language subjects and bring together the philosophical studies from Bakhtin (1986) who demonstrates that individuals subjectivity is originated from social, historical and cultural situations which surrounds him. The analysis of the subject under the bakhtinian philosophy of Language was of extreme importance, for this theory embraces subject's heterogeneity, the alterity, and interaction as something that constitutes human subjectivity. And all of these is mediated by language. The gathering and analysis of the data was made under the indicary paradigm theory proposed by Carlo Ginzburg (1989) and the found data perspective formulated by Coudry (1986). So the comprehension of the issues which surrounds the expression of subjectivity, through the enuntiative pathways, is necessary so that the perspective about the aphasiac individual may not be one of incomprehension, but, that this individual may be seen as someone that is able to Interact from discursive situations.

KEYWORDS

Subjectivity. Aphasia. Enunciative-discursive neurolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cérebro, sistema funcional complexo proposto por Luria	Página 33
----------	--	--------------

LISTA DE TABELAS

		Página
Tabela 1	Deus A-B-E-N-Ç-O-E	60-61
Tabela 2	Pouquinho, pouquinho, fala aí	62-63
Tabela 3	Feijoadá	63-64
Tabela 4	Televisão	65-68
Tabela 5	F..... 23	69-71
Tabela 6	Lápus	73-74
Tabela 7	Digital	75-77
Tabela 8	Painho	79-80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 SOBRE AS AFASIAS: MÚLTIPLOS OLHARES.....	14
3 AFASIA E PROCESSOS ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DA NEUROLINGUÍSTICA ENUNCIATIVA DISCURSIVA.....	23
4 A NEUROLINGUÍSTICA ENUNCIATIVA DISCURSIVA.....	29
4.1 Concepção de cérebro: Um caminho percorrido	31
4.2 Concepção de linguagem	38
5 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O “OUTRO” E A “SOLIDARIEDADE NA LINGUAGEM.....	40
6 A LINGUAGEM COMO ATIVIDADE CONSTITUTIVA - BAKHTIN E SEGUIDORES	45
7 METODOLOGIA, CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA	54
7.1 A natureza do estudo.....	54
7.2 Dados do sujeito.....	54
7.3 Dados da instituição.....	55
7.4 Método de Coleta de dados.....	56
8 OS DADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	58
Dado 01 – Deus A-B-E-N-Ç-O-E.....	58
Dado 02 – Pouquinho, pouquinho, fala aí.....	60
Dado 03 – Feijoadá	61
Dado 04 – Televisão	63
Dado 05 - F..... 23	67
Dado 07 – Digital.....	73
Dado08 – Painho.....	77
9 CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

É sabido que o funcionamento da linguagem está relacionado com questões complexas que vão além do domínio do código linguístico. Muitas questões externas à linguagem são agregadas a mecanismos internos para que haja a produção do discurso, que por sua vez será permeado de significados e interpretações. Essas constituições se dão pelo fato de que as práticas sociais são o ponto de partida para a execução do processo enunciativo.

Os estudos de Bakhtin, Jakobson concebem a linguagem como algo dinâmico e social, nessa linha de raciocínio, os postulados de Luria, Franchi e Coudry concebem a linguagem como constituinte, ou seja, os sujeitos são percebidos com toda sua subjetividade, como seres heterogêneos que são. Desta forma a união desses estudos serviu de base para o estabelecimento da neurolinguística discursiva, que reflete acerca do funcionamento da linguagem seja ela patológica ou não.

Nesta pesquisa, busquei discutir acerca do papel dos processos alternativos de significação e sua relação direta com a subjetividade do sujeito afásico, que emerge por meio da linguagem-corpo-cognição. Desde o início deste trabalho, percebi o encadeamento das questões interligando a neurolinguística discursiva à filosofia da linguagem, o que me permitiu traçar um caminho de reflexões durante as análises bibliográficas e o olhar lançado aos dados. Objetivei durante esse estudo investigar acerca da conjugação da oralidade/gestualidade/corpo, como elementos indispensáveis para a estruturação da atividade enunciativo-discursiva.

De fato o processo interativo aparece como peça fundamental para a construção do processo enunciativo discursivo, que por sua vez fará uso dos elementos verbais e não verbais para externar o dito intencionado¹.

A principal motivação para o desenvolvimento de um estudo voltado para essa temática foi à relação estabelecida entre outro e o sujeito afásico que muitas vezes é de exclusão. Pois supõe-se que esse indivíduo perdeu/esqueceu tudo o que sabe, estabelecendo uma relação assimétrica em que um sabe tudo e o outro não sabe nada. Os indivíduos “ditos normais” desconsideram o sujeito com afasia, veem nos processos alternativos de significação como algo que inferioriza o indivíduo.

No contexto em que a linguagem verbal se apresenta de modo incompleto, em relação ao que se intenciona dizer, o corpo, gesto, associações, expressões faciais, etc. contribuem para

¹Trabalhamos aqui com a concepção de intenção discursiva explicitada em Bakhtin (1979/1997, p. 313) onde nos mostra que “na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade”.

que haja significado no que é dito. Os indivíduos cotidianamente produzem naturalmente significados e os sujeitos afásicos também fazem isso. Portanto esse estudo tem como objetivo analisar a subjetividade na afasia, que emerge por meio dos processos alternativos de significação. Aliada a essas questões os estudos filosóficos de Bakhtin (1929, 1979) nos mostra que a subjetividade dos indivíduos é proveniente das situações sócio-histórico-culturais que o cercam. Portanto analisar o sujeito a partir da filosofia da linguagem bakhtiniana foi de suma importância, pois essa teoria abarca a heterogeneidade do sujeito, a alteridade, interação, o querer-dizer a noção de acabamento discursivo, como algo que constitui a subjetividade humana. E todo esse processo é mediado pela linguagem.

Este trabalho dissertativo foi cuidadosamente dividido em partes para melhor compreensão do leitor: O primeiro capítulo versa acerca das descrições de afasias por estudiosos de áreas médicas, da psicologia, da linguística e da neurolinguística enunciativa-discursiva. Apresentando, assim a concepção de afasia defendida por esta pesquisa. O segundo capítulo chama-se trabalhará com as questões ligadas aos processos alternativos de significação por meio da abordagem da neurolinguística enunciativa-discursiva. Já o terceiro capítulo trata do aprofundamento acerca dos pressupostos teóricos da NED, bem como sua concepção de cérebro e linguagem. No quarto capítulo trazemos para a discussão algumas considerações sobre o Eu e o Outro e a solidariedade na linguagem.

Ainda seguindo essa organização, o quinto capítulo discute acerca enquanto atividade que constitui o ser, numa perspectiva bakhtiniana e de autores que corroboram com o pensamento do autor. O sexto e o sétimo capítulo apresentam a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa e o dado e suas análises. Por fim traçamos as considerações finais deste trabalho dissertativo e apresentamos as referências utilizadas para embasar esta pesquisa.

Sendo assim, os ganhos com o desenvolvimento de um estudo como esse não foi apenas o conhecimento, mas a mudança que ocorreu em mim durante cada sessão de acompanhamento longitudinal. Dessa forma emergiu um novo olhar diante das dificuldades do outro, mas, sobretudo surgiu uma nova locutora e interlocutora, uma pessoa atenta ao processo discursivo, constituindo e sendo constituída pelo outro.

2 SOBRE AS AFASIAS: MÚLTIPLOS OLHARES

Discorreremos neste capítulo acerca das afasias, enfocando a produção de significados no âmbito da patologia. Para investigarmos as questões ligadas a afasia, é necessário tratarmos, logo de início, de sua definição.

Durante as pesquisas e diversas leituras para composição desse trabalho dissertativo, busquei alguns conceitos de afasia, que me chamaram a atenção e cabe analisarmos aqui:

Segundo Toazza (2010, p. 11), “afasias são, portanto, distúrbios da linguagem com etiologia neurológica e consistem na perda da capacidade (total ou parcial) do uso da simbologia verbal na expressão ou compreensão de ideias, pensamentos ou emoções”. Já na concepção de Negrão (2003, p. 1), “afasia é uma perda ou redução do funcionamento da linguagem após um dano no cérebro”. Para Senna (2009, p. 13), “afasia é uma perda ou alteração na linguagem após uma lesão cerebral adquirida”. Nas palavras de Kiyon (2008, p.207) a após o evento neurológico o sujeito se defronta com a perda da comunicação.

Diversos estudos, artigos publicados em sites sobre saúde neurológica, e fonoaudiologia, trazem a concepção de afasia aliada a perda da linguagem, como se uma lesão cerebral fosse suficiente para fazer com que o sujeito perca algo intrínseco a ele, como a linguagem. A neurolinguística enunciativa-discursiva, assim como os pressupostos bakhtinianos compreendem o sujeito como heterogêneo em relação à linguagem, sendo esta, intrínseca ao homem, por consequência, como admitirmos a ideia simplória de “perda” de linguagem na afasia?

Segundo Coudry (1988):

A afasia se caracteriza por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatório e discursiva (nessa incluímos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirindo no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação (COUDRY, 1988, p. 5).

Ao discorrer acerca da afasia, Coudry pondera que essa é uma alteração linguística e que o sujeito afásico precisa utilizar outros recursos para a produção de significados. Do ponto de vista da Neurolinguística Enunciativa Discursiva, noção defendida neste trabalho, o diagnóstico de afasia não significa que o sujeito perdeu capacidade da linguagem, mas que, diante da desorganização linguística, utilizará rearranjos para efetivar a interlocução.

Desta forma, analisar a afasia significa compreender que a linguagem está em funcionamento, de acordo com Fedosse (2003):

É no discurso que a linguagem em funcionamento entrecruza o conhecimento individual com o coletivo. É no e por meio do discurso que o sujeito se constitui como tal ao mesmo tempo que organiza sua linguagem e sistematiza suas intenções com o meio físico e social (FEDOSSE, 2003, p. 58)

Fedosse está se referindo a atividade construtiva proposta por (Franchi, 1977). Portanto abarcamos a concepção de afasia proposta por Coudry (1988) que não prevê perdas na afasia, mas na desorganização da linguagem.

Assim compreendemos que a afasia de fato altera a produção de significados, a rotina do indivíduo, causando transtornos à sua vida social, pois a patologia traz consigo problemas que afetarão diretamente o processo comunicacional. Ghirello-Pires (2000) acrescenta que:

Em geral alterações afásicas podem dizer respeito às dificuldades com a produção articuladora envolvendo o nível fonológico, com a organização sintática, com a relação lexical ou tópica, envolvendo o nível semântico com as expressões das relações semânticas quer do ponto de vista da produção de relações de sentidos, quer da tarefa interpretativa, dificuldade pragmática e outras. A linguística e a neurolinguística, a partir da perspectiva enunciativa, tem muito a oferecer em relação a estas questões, pois assumem o sujeito na sua interação, em atividades de linguagem e não em uma situação estanque (GHIRELLO-PIRES, 2000, p. 56).

Nessa perspectiva, concordamos com Ghirello-Pires, que vê nas situações interativas, propostas pela neurolinguística enunciativa-discursiva, como uma alternativa para que o sujeito possa se expressar através de atividades que priorizem as situações discursivas.

Assim, para compreendermos as afasias, é importante delinear o percurso feito por estudiosos na área, que culminou na concepção de afasia abarcada pela neurolinguística enunciativa-discursiva. Desta forma apresentaremos os pressupostos lúrianos de cérebro enquanto sistema funcional complexo que prevê seis tipos de afasia, são elas:

1. Afasia motora aferente – é resultante de uma lesão na área secundária parietal esquerda. Essa área responsabiliza-se pelas informações do trato sensorial. Indivíduos acometidos pela afasia motora aferente apresentarão dificuldades para articular sons, uma vez que haverá imprecisão nos movimentos dos lábios e da língua. Nesse caso é comum a substituição de fonemas. Lúria baseia-se nos estudos de Jakobson e Halle (1956) para definir a afasia motora aferente como uma alteração fonêmica do sistema.

2. Afasia motora eferente – instala-se após na porção inferior da zona pré-motora de hemisfério esquerdo. Nesse tipo de afasia os movimentos articulatórios não alteram. O que se encontra afetado, neste caso, é a estrutura prosódica. Existe dificuldade no processo de repetição e de passagem de uma palavra para outra. O indivíduo também apresenta dificuldade na escrita
3. Afasia sensorial – origina-se após lesão na área secundária superior esquerda (onde se situam os setores áudio-verbais do córtex) os indivíduos afásicos acometidos por esse tipo de afasia apresentam confusões no que tange os fonemas semelhantes. Assim palavras que possuem composições fonêmicas parecidas, como vaca e faca, não são compreendidas, diferenciadas e produzidas adequadamente.
4. Afasia acústico-aminésica – se dá por meio de uma lesão em zonas secundárias do córtex temporal. O paciente não consegue reter nem mesmo uma série de sons curtos e pode ou confundir, ou esquecer parte da série de elementos (série de sons, sílabas, palavras) a ele apresentada, lembrando apenas dos elementos do começos e/ou do fim. “Como resultante disso, a comunicação percebida perde sua totalidade e a sua compreensão torna-se mais complexa, com a aparição de novas dificuldades, desta vez de ordem mnêmica”. (LURIA, 1973, p.234)
5. Afasia semântica – Resultado de uma lesão na zona têmporo-parietal-occipital situada na área terciária do bloco II. O que ocorre com sujeitos com afasia semântica é desorientação espacial, acalculia, apraxia de construção espacial, agnosia. Assim, segundo Luria (1973), ocorre uma alteração simultânea que ocasiona dificuldades nas estruturas lógico-gramaticais e alterações semânticas. Indivíduos acometidos por esse tipo de afasia possuem dificuldades de interpretação de imagens, construção de frases, subordinadas, compreensão de metáforas.
6. Afasia dinâmica – ocorre após lesão no córtex pré-frontal. Luria (1973) esse tipo de afasia prejudica a transição do plano de fundo da fala. Ou seja, afeta a conversão da fala interna (estrutura predicativa) em fala externa (esquema linear de frase, contíguo) e não se deve a ausência de plano ou deficiência em palavras individuais.

Nessa perspectiva, percebemos que Luria enquanto neuropsicólogo investiga a afasia analisando a área afetada por uma lesão, sem deixar de considerar a dinâmica que envolve os processos mentais superiores como um todo. Inspirado no modelo luriano, Jakobson teceu considerações importantes para esse campo de estudo. Ele foi o primeiro linguista a descrever

as afasias por meio da concepção de linguagem proposicional, avaliando a afasia enquanto desordem da linguagem. Jakobson foi o pioneiro a defender a participação de linguistas nos estudos sobre a afasia. Afirmando que:

Se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem. Esse problema não pode ser resolvido sem a participação de linguistas profissionais familiarizados com a estrutura e o funcionamento da linguagem. (JAKOBSON, 1969, p. 34)

Em “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, o autor sintetiza conceitos que foram incorporados pela neurolinguística enunciativa-discursiva, dada a constância de seus estudos. O autor tece duras críticas a publicações acerca das afasias que solicita o apoio de diversas disciplinas nos estudos afasiológicos, porém deixa de lado a ciência da linguagem, como se esta não tivesse relação com as perturbações da linguagem.

Porém, Jakobson (1969/2003) pondera que há uma parcela de culpa entre os linguistas, que até aquele momento não haviam perquirido acerca das afasias, mesmo dispondo de arcabouço teórico para isto. Destarte, para que houvesse sucesso nas análises acerca das interpretações e classificação dos fatos da afasia, os linguistas precisam ser cuidadosos, e não apenas compreender e pesquisar acerca dos dados linguísticos, mas examinar minuciosamente os dados psicológicos, e neurológicos. Assim a neurolinguística de orientação enunciativa-discursiva, apresenta-se como uma disciplina de fronteira, que necessita de teorias de distintas áreas para compor seu trabalho.

Estudos empreendidos por Jakobson, em conjunto com os psicopatologistas Alajouanine e Ombredane, apontaram para situações de desintegração do sistema fônico do indivíduo afásico. Ele compara a dissolução da linguagem na afasia a uma inversão temporal, traçando um paralelo com a aquisição da fala pela criança. Essa tarefa não se limita apenas a uma análise do sistema fonológico, mas também estende-se ao sistema gramatical.

Segundo Jakobson (1968/2003), falar implica selecionar e combinar unidades linguísticas. Esse processo é demasiadamente complexo, pois o falante combinará frases tomando por referência o sistema sintático da língua e posteriormente executa a combinação de enunciados. Porém os indivíduos não são livres para quando se trata de seleção de palavras, pois está sujeito a um repertório lexical. Desta forma, aquele que fala tem a sua disposição representações pré-fabricadas e o interlocutor ao receber a mensagem também fará uso de um repertório previamente preparado.

Nem os feixes de traços distintivos nem as sequências desses feixes, são criados pelo falante. Todo esse processo está sujeito à regulação do código da língua, que impõe suas limitações. Porém existe uma liberdade, relativa, na ordenação das palavras em novos contextos, uma vez que, esta não está sujeita a regras tão coercitivas. Sendo assim, de acordo com Jakobson (1969/2003), a combinação de unidades linguísticas é possível, ainda que essa ocorrência seja mais rara. Mas a liberdade na combinação de traços distintivos em fonemas é inexistente.

No que tange o signo linguístico, existem dois tipos de arranjos:

1. A Combinação – Onde todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece um combinação com outros signos. Para Jakobson (1969/2003), todo agrupamento de unidades linguísticas ligam-se a uma unidade superior. Portanto combinação e textura são duas faces de uma mesma operação.
2. A seleção – Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação. (JAKOBSON, 1969/2003, p.40).

Para o autor, Saussure (1922) percebeu o papel que desempenham essas duas operações e afirmou que a combinação aparece *in praesentia*, ou seja, baseia-se em dois ou mais termos igualmente presentes, enquanto a seleção aparece *in absentia*, pertencente a uma série mnemônica virtual. Isso significa que a seleção ou substituição refere-se as entidades relacionadas ao código e a combinação relaciona-se com as entidades ligadas a mensagem efetiva. Uma refere-se ao código e a outra ao contexto. Neste caso os constituintes da mensagem estão ligados ao código por uma relação interna e a mensagem por uma relação externa.

Jakobson percebeu que os distúrbios ligados à afasia afetam a capacidade do indivíduo de combinar ou selecionar as unidades linguísticas e, é necessário identificar qual das duas operações foi mais afetada, se a seleção ou a combinação, para que se possa classificar as diferentes formas de afasia.

Por esse motivo Jakobson (1969/2003) chama a atenção para um trabalho cuidadoso do linguista, que tratará das questões ligadas as patologias da linguagem, uma vez que está é uma tarefa que envolve conhecimentos múltiplos, que são externos a área.

Jakobson distingue dois tipos fundamentais de afasia, a primeira reside na seleção e substituição de unidades linguísticas, neste caso a capacidade de combinar não sofrerão danos

maiores. A segunda reside deficiência no processo de combinação e contextura, nesse caso as operações ligadas à seleção e substituição ficam relativamente normais.

No caso da afasia que causa *Distúrbio de Similaridade* o indivíduo apresenta dificuldades em selecionar e substituir elementos linguísticos internos ao código, portanto há uma deficiência de compreensão das palavras e das frases, em casos que a palavra se encontra fora do contexto da enunciação, a dificuldade em selecioná-la é ainda maior. O sujeito apresenta uma linguagem reativa, com dificuldades em iniciar um diálogo. Em casos de monólogo, existe uma dificuldade na compreensão do que é dito. Em casos de input fonético, o sujeito conseguirá acessar a palavra. Nesse tipo de afasia, a substituição de palavras por outra semelhante, torna-se um trabalho laborioso. A comparação entre duas imagens também fica comprometida, o que se situa no eixo metafórico. Neste caso há uma deterioração das operações metalinguísticas.

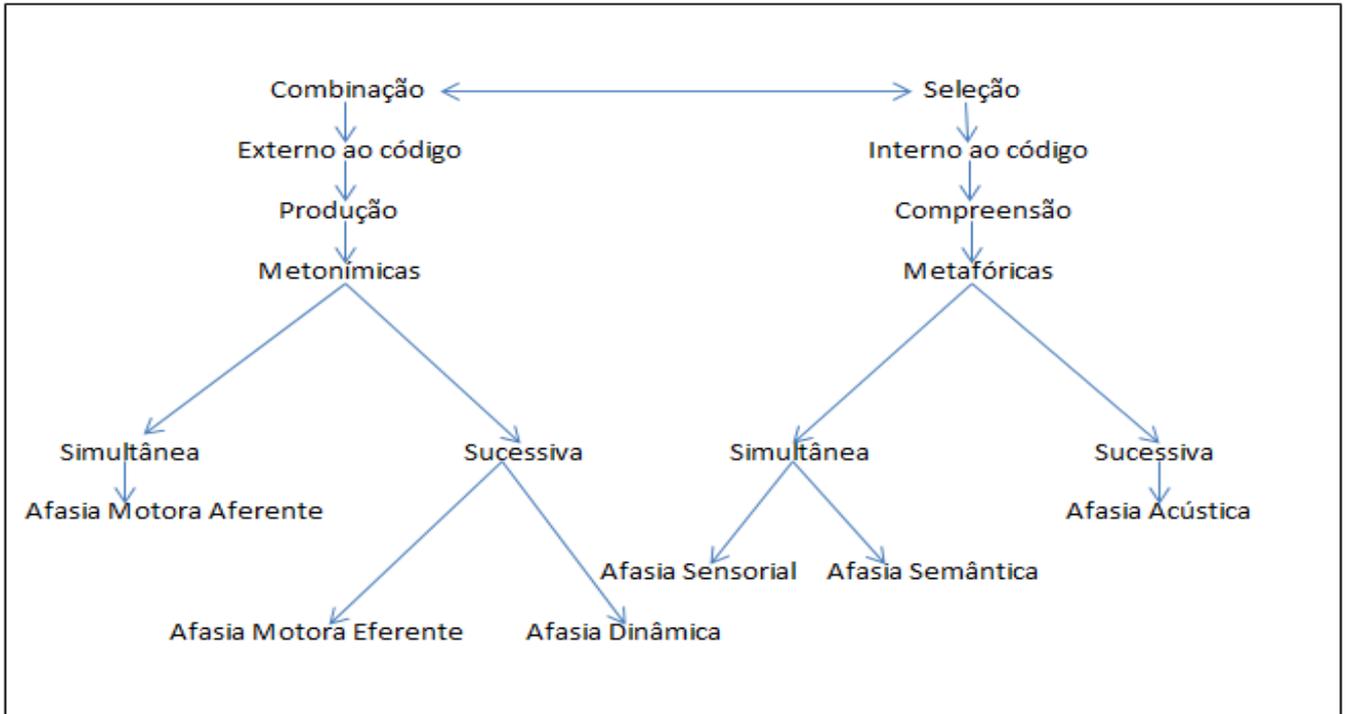
Afasia proveniente do *Distúrbio de Contiguidade* causa problemas na construção de contextos, pois a extensão e variedades das frases diminuem. As regras sintáticas que hierarquizam as palavras e frases desorganizam-se, e a frase acaba degenerando-se e se transforma em um monte de palavras. Nos casos avançados os enunciados reduzem-se a apenas uma palavra. Neste caso os substantivos e sujeitos, são preservados (similaridade), mas as conjunções, preposições, pronomes e artigos, desaparecem. Nesse caso o sujeito apresentará uma fala telegráfica. Quanto menos a palavra depender gramaticalmente do contexto, melhor será para o afásico. Nessas situações o indivíduo apresentará dificuldades na produção de frases extensas. Para essas pessoas as associações de caráter metonímico são mais complexas, enquanto as de ordem metafórica são mais fáceis de serem realizadas.

De acordo com Gomes (2008) as afasias descritas por Luria, fazem correlação com as afasias citadas por Jakobson, uma vez que estão ligadas a seleção ou combinação, assim, nas palavras de Gomes, Jakobson refina as afasias de Luria, trabalhando com a noção dicotômica. Desta forma,

Jakobson propõe um refinamento linguístico dos seis tipos de afasia definidos por Luria, a partir do aprofundamento de outras três dicotomias *subjacentes* à dicotomia fundamental seleção e combinação. Tais dicotomias são: *produção e compreensão; sucessividade e simultaneidade; limitação e desintegração.* (GOMES, 2008, p.45)

Nessa perspectiva, ao traçar um paralelo entre as afasias de Luria e as de Jakobson, podemos concluir que as afasias que apresentam deficiências na compreensão (seleção) são as afasias Sensorial, Semântica e Acústico-Amnésica, e as afasias que apresentam problemas na produção (combinação) são as afasias Dinâmica, Motora Eferente e Motora Aferente.

Jakobson (1969/2003) afirma que o afásico que possui um problema no âmbito da seleção, possui também dificuldades, porém em menor grau no eixo da combinação porque sua produção também ficará afetada. O oposto também ocorre com a combinação. Vejamos agora um mapa conceitual inspirado em Gomes (2008), que ilustra as afasias na perspectiva de Jakobson e sua correlação com as afasias de Luria:



De acordo com Jakobson, ninguém pode compreender uma palavra se não tiver o reconhecimento linguístico da mesma, ou seja, o duplo caráter que une significante/significado requer análises linguísticas e até mesmo semióticas.

Jakobson (1969/2003, p.42) “não há signatum sem signum”. Assim, quando trata de palavras conhecidas a relação significado/significante é instantânea, mas quando se trata de novas palavras, haverá um esforço maior para que o signo seja efetivamente interpretado.

Em situações cotidianas, podemos perceber que a linguagem utiliza outros sistemas de signos para estabelecer a relação significado/significante, no estabelecimento da interação. É o que Jakobson (1969, p.70) chama de traços pansemióticos. Nessa perspectiva o autor destaca que “os mais perfeitos dos signos” são aqueles nos quais o caráter icônico, indicativo e o simbólico estão amalgamados em porções tão iguais quanto possível. O autor utiliza os conceitos semióticos de Peirce para embasar seus estudos.

Jakobson exemplifica que um índice como o gesto de apontar numa direção recebe em diferentes culturas, significações diferentes. Enquanto na África, apontar para algo significa amaldiçoar, para nós, apontar, quer dizer indicar algo. Assim pessoas de diferentes culturas, quando inseridas no processo de interação, precisarão de um esforço linguístico maior que o habitual.

Desta forma, para qualquer usuário da língua, o significado de um signo linguístico não passa de uma tradução de um signo por outro “no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo” (JAKOBSON, 1969/2003, p.42)

No caso de um indivíduo afásico que não consegue converter o termo solteiro para a designação “homem não casado”, fica evidente que a tradução de um signo para outro da mesma língua está prejudicada. E um problema desse tipo causa dificuldades na interpretação do interlocutor e causa danos ao processo interativo.

Jakobson (1969/2003) distingue três formas de interpretar o signo verbal, são elas:

Tradução intralingual ou reformulação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. Nesse caso o indivíduo utilizará uma palavra equivalente ou um sinônimo.

Na tradução interlingual, um signo será traduzido para signos de outra língua. Normalmente não haverá uma absoluta equivalência entre as unidades do código. Segundo o autor é possível substituir mensagens de uma língua, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução se configura como discurso indireto. “o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.” (JAKOBSON, 1969/2003, p. 43).

A tradução intersemiótica ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. Assim:

só é possível a transposição criativa: transposição intralingual, de uma forma poética para outra, transposição interlingual ou finalmente transposição intersemiótica de um sistema de signos para outro, por exemplo da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura (JAKOBSON, 1969/2003, p.47).

Nesse sentido, podemos analisar as palavras de Jakobson, levando em consideração os processos alternativos de significação propostos por Coudry (2007). A autora afirma que o gesto/corpo, objetos, podem ser articulados a processos verbais, que auxiliam no processo discursivo. Essas situações acontecem tanto em discursos patológicos quanto fora da patologia.

Porém em situações de afasia o sujeito necessitará mais do uso da tradução intersemiótica, ou seja, de recursos muitas vezes não-oficiais.

Coudry (2007) ressalta a existência do trânsito entre os processos de significação verbal e não-verbal; explicando que, nas afasias, a circulação entre sistemas verbais e não-verbais pode se expressar de múltiplas formas: 1. Do gesto para a palavra (quando um gesto do interlocutor e/ou do próprio sujeito é suficiente para a expressão verbal ou simplesmente quando o gesto ocupa o lugar da expressão verbal), 2. Do desenho para a palavra e 3. Do objeto para a palavra. O inverso detais possibilidades também é possível.

Assim cabe a nós aprofundarmos um pouco mais acerca das questões ligadas aos processos alternativos de significação à luz dos pressupostos da Neurolinguística Enunciativa-Discursiva. Essas análises serão abordadas no capítulo seguinte.

3 AFASIA E PROCESSOS ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DA NEUROLINGUÍSTICA ENUNCIATIVA DISCURSIVA

Os processos alternativos de significação estão intimamente ligados à mobilidade específica da forma linguística proposta por Bakhtin (1929/2006), desta forma percebemos que o caráter imutável do signo linguístico não pode ser concebido como uma verdade absoluta, uma vez que a linguagem não é algo isolado, fechada em si mesma. Bakhtin trata a língua como uma corrente evolutiva ininterrupta:

Tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados. O sistema linguístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação. Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. (BAKHTIN, 1929/2006, p.83).

Nesse sentido, o que é imutável na língua é o sinal, enquanto o signo é mutável, podendo assim associar a polissemia da palavra com a unicidade do sinal. Desta forma, tudo o que foge a unicidade do sinal, torna-se impróprio, de acordo com a visão tradicionalista que prevê a linguagem verbal como alternativa única para a efetivação do processo enunciativo-discursivo. Significar no âmbito da linguagem não prevê apenas o uso da linguagem verbal, da utilização da norma padrão, mas significar compreende a utilização da mutabilidade do signo linguístico, de outros recursos para compor o processo enunciativo-discursivo. Assim, os sujeitos afásicos estão submergidos nesse universo linguístico, refletindo sobre a linguagem, produzindo suas construções enunciativas, como qualquer outro falante.

Caminhando nessa direção, no processo de significação o que determina o tema é a conjugação de elementos verbais e não verbais. O tema não é reiterável e mantém seu caráter individual na construção enunciativa. O tema será sempre diferente, enquanto a significação, essa sim, é reiterável, a significação pode ser repetida. Dias apud Brait (2005, p. 101) afirma que:

A maneira mais correta de formular a interrelação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui o estágio superior real da capacidade de significar [...] a significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação [...] é a possibilidade de significar no interior de um tema concreto.

Assim, compreende-se que tema e significação são produtos indissociáveis. Para que haja a construção do sentido se faz necessário lançar mão do linguístico e do extralinguístico, por parte do locutor. Já no que tange ao interlocutor, é preciso que exista o intuito discursivo. A gestualidade as condições de produção² da linguagem, as situações sócio-históricas, o conhecimento linguístico, são fatores importantes para a interação. A subjetividade desse sujeito vai emergir por meio dos gestos, da oralidade do posicionamento do corpo, da dos elementos dêiticos. Almeida afirma que:

Ao inclinarmos sobre o estudo da referenciação dêitica, direcionamo-nos a uma vertente sócio-cognitiva da linguagem, cedemos ao contexto de produção, por acreditar que diversos aspectos semiológicos são evocados para estabelecer a significação. Sabemos da riqueza dos processos referenciais, uma vez que eles abarcam muitas vezes gestos, expressões, entonações, estabelecendo um caminho para a significação. (ALMEIDA, 2012, p.129)

Autores como Franchi (1977), Bakhtin (1929/2006), Coudry (1986), comungam do mesmo ponto de vista quando se trata do desenvolvimento da linguagem. Para esses autores, ela não é compreendida com um evento biológico, mas sim como um trabalho sócio-histórico-cultural. Assim:

A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma as suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas linguísticos, as línguas naturais do que nos servimos na interação social, condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito se apropria (do) sistema linguístico, no sentido de que constrói, com os outros, os objetos linguísticos que se vai utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como locutor e aos outros como interlocutores (FRANCHI, 1977, p.52).

O trabalho de reorganização da linguagem para os sujeitos cérebro-lesados culminam nas formas alternativas de significação, que figuram como agentes compensatórios utilizados

² O conceito de condições de produção linguagem utilizada neste trabalho dissertativo está pautado em Coudry (1986, p.76), que defende que a avaliação e o acompanhamento da linguagem dos sujeitos afásicos devem ser feitas a partir de situações discursivas, dialógicas que são o modo de ação primeiro em que se exercita a linguagem.

para a estruturação do processo enunciativo-discursivo. De fato linguagem dos sujeitos cérebro lesados apresenta problemas na sua organização, compreendemos que o caminho percorrido pelo sujeito vitimado pelo Acidente Vascular Cerebral é doloroso e desafiador. Portanto criar situações interativas depende do locutor e do interlocutor, que precisa ter vontade e, sobretudo comprometimento para que efetivamente o diálogo seja estabelecido.

Em casos de sujeitos com afasia, verificamos que a sua linguagem precisou ser reorganizada, uma vez que, não apenas a oralidade, mas também as suas habilidades práticas ficaram comprometidas devido às sequelas do evento neurológico. Sujeitos que possuem hemiplegia, tem não só a sua mobilidade afetada, mas também a produção de gestos. Tal fato o leva a reorganizar suas atividades cotidianas como: cozinhar, realizar tarefas domésticas, caminhar, fazer a sua higiene pessoal. E no que se refere à linguagem na afasia, os sujeitos utilizam os gestos, a entonação de voz, o olhar, a expressão facial, o corpo, para que o processo de significação aconteça. Todo esse trabalho revela o que Morato (2010, p. 251) chama de caráter constitutivo da praxia humana.

A interação linguagem-cérebro-cognição culmina em diversos rearranjos linguísticos, isto atesta a presença da plasticidade cerebral. Tal fato não fará com que a lesão cerebral passe pelo processo de regressão, mas faz com que a atividade cerebral busque outros meios para preencher as lacunas deixadas pelo acidente vascular cerebral. O tecido cerebral uma vez lesado, não irá se regenerar e também não acontecerá à produção de novas células neurais. O que acontece é a reorganização, caracterizada por uma modificação da rede neural. Portanto é denominado pelos estudiosos de plasticidade cerebral e este processo perdura mesmo na velhice, portanto o estímulo se faz necessário em qualquer idade. Segundo Gomes (2007):

A reconstituição das associações desintegradas pela afasia é possível pelo princípio da *plasticidade cerebral*, no qual diferentes “caminhos” neurais, ligações diferentes entre as células nervosas, podem ser feitos compensando a falta de outros, imposta pela lesão de uma região, princípio já presente nas teorias de Freud (1891/73) e Luria (1973/81), graças a uma visão funcional e dinâmica do cérebro, e não localizacionista estrita das funções superiores. (GOMES, 2007, p.143)

Assim como:

A capacidade de adaptação do sistema nervoso, especialmente a dos neurônios, às mudanças nas condições do ambiente que ocorrem no dia-adia da vida dos indivíduos chama-se neuroplasticidade, ou simplesmente plasticidade, um conceito amplo que se estende desde a resposta a lesões traumáticas destrutivas até as sutis alterações resultantes dos processos de aprendizagem e memória. Toda vez que alguma forma de energia proveniente do ambiente de algum modo incide sobre o sistema nervoso, deixa nele

alguma marca, isto é, modifica-o de alguma maneira (LENT *apud* PEREIRA, 2006, p.39).

Mas para que isso ocorra, os estímulos e atividades do processo terapêutico devem ser repletos de significados, o interlocutor deverá trabalhar com o indivíduo de forma adequada, para que o sujeito possa reorganizar, decodificar, processar e armazenar as informações em outras áreas nervosas. Tais considerações, acerca da plasticidade cerebral serão aprofundadas mais adiante.

Para analisar a afasia, a neurolinguística discursiva não pode anular o fato de que os processos de significação têm em si fatores que o determinam, pois as construções discursivas cotidianas definem o que pode ou não ser dito, para que o interlocutor possa se organizar e articular o que dizer. Quando os processos de significação são alterados em um indivíduo cérebro-lesado, as intervenções terapêuticas precisam se aliar a análises linguístico-cognitivas que levem em consideração, além das competências articulatória das palavras, organização discursiva, construção de significados e interpretações, relacionadas à situação social em que o sujeito está inserido.

Portanto, para que o sujeito realize os processos alternativos de significação, deve-se atentar para o fato de que “a linguagem não se restringe ao sistema linguístico propriamente dito, mas dele faz uso; que torna significativo no seu acontecimento discursivo e, portanto é sempre dependente de instâncias contextuais.” (SAMPAIO, 2011, p. 3). Nesse sentido, Coudry (2006) critica as abordagens clínicas para fins terapêuticos que são concebidas de forma arbitrária e descontextualizadas. A autora, ao analisar o sujeito afásico CN, afirma que:

Nesse contexto, o que ocorre durante o acompanhamento de CN não tem como objetivo o treino ou o preenchimento de uma falta, mas sim, o objetivo de trazer elementos que ponham em movimento determinados aspectos envolvidos no funcionamento da linguagem e convoquem o sujeito para lidar com o funcionamento da língua e da linguagem. Isso requer do terapeuta um raciocínio clínico pautado, por um lado, no que (re)conhece do sujeito e de linguagem. Nesse sentido, ganha relevo a ideia de criar “espaços em que se possa favorecer mecanismos de descoberta e expressão que o próprio sujeito elabora” (COUDRY *apud* ISHARA, 2008, p.32).

Portanto, um quadro de afasia em que o sujeito está em processo de construção e articulação de significados deve ser aliada a intervenções clínicas que levem em consideração o contexto em que o indivíduo está situado, bem como atividades que estimulem a utilização da linguagem pelo sujeito de forma mais ativa, incluindo aspectos discursivos na observação, avaliação e execução do acompanhamento. Panhoca trata a questão da seguinte forma:

Entende-se que as qualidades das interações farão toda diferença no processo de reorganização/recuperação do sujeito acometido. O acolhimento, a aceitação, as relações humanizadas implicarão em aceitação das potencialidades e, também, das limitações daquele sujeito. E sentindo suas potencialidades e limitações aceitas pelos que o rodeiam, tal sujeito tende a sentir-se – ele próprio – aceito naquele grupo, naquela família (PANHOCA, 2008, p.97).

A autora faz uma colocação muito pertinente no que tange o sujeito em situação de reorganização da linguagem. A aceitação do sujeito com limitações é de fato muito importante, pois sua recuperação estará atrelada ao processo interativo. Mesmo que as alterações na linguagem ao longo do tempo sejam pequenas, um ambiente familiar propício a diálogos e interação será de extrema relevância para a qualidade de vida do afásico e o resgate da sua autoestima.

Em caso de sujeitos que passaram a ter uma linguagem expressiva comprometida, apresentando dificuldades na combinação dos movimentos articulatórios para produzir os sons da língua e/ou dificuldades em encontrar palavras. É comum que esses problemas façam com que o indivíduo não consiga identificar os “erros” durante a produção discursiva. Desta forma, durante o processo enunciativo, ao expressar uma linguagem verbal acompanhada de erros fonológicos, sintáticos ou semânticos, muitas vezes faz com que a postura do interlocutor seja de descrédito em relação ao discurso do afásico.

Toda essa problemática causa diversos transtornos ao afásico. A sociedade se distancia deste “ser incompreensível”, pois enquanto sujeitos da linguagem, fazemos uso dela como mecanismo de fundamental importância para a inserção social. Quando o sujeito passa a apresentar dificuldades na linguagem, além de todas as sequelas advindas deste fato, ele passa a conviver também com a exclusão social. A partir do momento em que há uma lesão cerebral que compromete as construções linguístico-discursivas, há também uma ruptura no eixo de ligação entre sujeito-família-sociedade. Em se tratando de erro, Fedosse aponta que:

uma avaliação de linguagem assentada na definição de palavras, nomeação de figuras, repetição de palavras, sílabas *etc* (atividades metalinguísticas) demanda operações epilinguísticas, ou seja, para decifrar palavras isoladas/descontextualizadas as pessoas precisam trabalhar com os elementos linguísticos e, por isso, aparecem às hesitações, os circunlóquios, os quais, por sua vez, são tomados pelos especialistas desavisados (aqueles que concebem a linguagem como simples código de comunicação) como déficits ou erros. (FEDOSSE, 2008, p.101)

Assim, a concepção de erro abarcada por outras vertentes teóricas não estão em consonância com a Neurolinguística Enunciativa-Discursiva, uma vez que compreendemos os desvios da linguagem por uma ótica distinta. Para nós a linguagem não é mero instrumento da comunicação. A linguagem é a atividade constitutiva dos sujeitos, portanto uma visão simplista como esta é inaceitável.

O processo de reorganização da linguagem é algo lento e dotado de sucessos e insucessos, portanto qualquer avanço, mesmo mínimo, pode causar uma grande euforia e motivação para o paciente, mas os insucessos podem desmotivá-lo e acarretarem em regressões no campo psicológico e comportamental. Coudry (1986) aponta que tanto a avaliação quanto a reabilitação devem partir de situações discursivas dialógicas, que representa o primeiro exercício da linguagem. Nesse tipo de processo, evitam-se procedimentos práticos em situações controladas (formulários, testes, etc.) para a produção da linguagem. Para a reconstrução dos significados que ficaram desorganizados por conta de lesões cerebrais, é importante, durante as fazer uso de situações que provoquem o aparecimento de produções linguísticas espontâneas.

Em articulação com os estudos das afasias, trataremos no próximo capítulo acerca da Neurolinguística enunciativa discursiva e sua concepção de cérebro e linguagem.

4 A NEUROLINGÜÍSTICA ENUNCIATIVA DISCURSIVA

A neurolinguística discursiva, pressuposto teórico que, à luz da linguística, fundamenta este trabalho, foi desenvolvida por Coudry, tomando como referência a Neurolinguística apresentada por Lebrun (1983). Coudry, orientada pelos postulados de Franchi (1976, 1977, 1986), traz para os seus estudos os conceitos de linguagem como atividade constitutiva e trabalho, levando em consideração os elementos históricos, culturais e sociais que cercam os indivíduos. Para essa autora, a linguagem se configura como incompleta e dotada de possibilidades de “(re) interpretações”. E a incompletude em relação à linguagem é um ponto em comum a todos os sujeitos (afásicos e não afásicos), que compartilham de situações onde o que é pensado ou dito lhes parece fugidio, ou incompleto. Lebrun chama a atenção para o fato de que:

A neurolinguística não é a linguística aplicada a manifestações verbais mórbidas. Efetivamente a linguística tem por objeto a linguagem, ao passo que a neurolinguística interessa-se pelo indivíduo tendo uma afecção do seu sistema nervoso central, apresenta dificuldade e código verbal. É aquele que utiliza a linguagem e não a linguagem em si mesma que prende a atenção do neurolinguista.(...) A neurolinguística (...) aproxima-se das disciplinas médicas. No entanto ela não se confunde com nenhuma delas (LEBRUN,1983, p.05).

O autor aponta a neurolinguística como “filha” da afasiologia neurológica do final do século XIX e do início do século XX. Apesar de ser um pressuposto teórico independente, o autor recorre às suas raízes para explicar o ponto de influência da neurolinguística.

Com intenção de aliar a neurolinguística aos estudos discursivos, em 1983, Coudry, juntamente com Possenti escrevem o artigo “Avaliar discursos patológicos”, ali os autores dão os primeiros passos para agregar o discurso com atividade constitutiva, cérebro com linguagem.

O objetivo principal da neurolinguística enunciativa-discursiva, doravante NED, é o estudo em torno dos conceitos e das práticas discursivas. Sendo assim para que o sujeito afásico de fato possa construir esse discurso se faz necessário que no momento da construção enunciativa, haja uma organização e acomodação para que o sujeito faça uso efetivo da linguagem.

Esta teoria trata da concepção de linguagem numa perspectiva investigativa, por meio de análises discursivas, linguístico-cognitivas, social e da questão das alterações significativas em que se encontraram pacientes cérebros-lesados, levando em consideração os aspectos sociais da linguagem. Segundo Coudry:

O estudo discursivo da afasia considera que o sujeito afásico passe por atividades significativas da linguagem, exercendo o papel de sujeito para produzir, interpretar sentidos, contar, comentar, perguntar, sugerir, pedir, estreitar relações, estar lido a coisas do mundo, compreendê-la para falar dele (COUDRY, 1997, p. 10).

Para compor a sua teoria, Coudry embasou-se na perspectiva de linguagem como atividade constitutiva de Franchi (1977) e nas questões que envolvem o normal e o patológico de Canguilhem (1995); Embasando-se também na filosofia da linguagem, por meio da qual Bakhtin (1929/2006) mostra a importância das relações dialógicas e interativas; também utiliza as teorias de Jakobson (1955, 1970, 1956, 1977) e da perspectiva de funcionamento dinâmico e integrado de cérebro/mente de Luria (1981) e Freud (1891, 1973).

Os estudos da NED investigam o sujeito por meio da perspectiva do acompanhamento longitudinal, pois no decorrer desse processo o pesquisador insere o sujeito em diversas situações dialógicas e o acompanha por longos períodos. É a partir destas situações que surgem as possibilidades reais e efetivas de produção do pensamento.

O produto dessa interação sujeito/pesquisador dá origem ao dado-achado proposto por Coudry (1996), que dá visibilidade do vínculo entre teoria e dado, onde o pesquisador estabelece uma relação dialógica com o sujeito da pesquisa a partir de práticas discursivas contextualizados, buscando os processos de significação, e não mera verbalização. Assim:

É essa metodologia heurística orientada sempre por princípios teórico-acionados em diferentes circunstâncias de avaliação que cria uma intimidade do investigador, que não é desprovida de um olhar (no sentido de Foucault), com os dados que são achados para teorias em questão (da linguagem e da afasia). É por essa intimidade que se consegue desvendar alguns dos segredos da linguagem do paciente. (COUDRY, 1996, p. 185).

Aos poucos os estudos da Neurolinguística Enunciativa-Discursiva foram abarcando sujeitos com outros tipos de patologias da linguagem como: Alzheimer, Deficiência Intelectual, Autismo, Dificuldades de Aprendizagem, entre outros. Desta forma vemos neste campo de atuação um vasto horizonte de pesquisa tendo em vista que, nesta abordagem teórica o sujeito é tomado como singular e a sua individualidade é levada em consideração no momento da construção discursiva. Veremos a seguir as concepções de cérebro e linguagem que norteiam o desenvolvimento de pesquisas por meio dos pressupostos da Neurolinguística enunciativa-discursiva.

4.1 Concepção de cérebro: Um caminho percorrido

Os mistérios e questionamentos acerca da atividade e desenvolvimento cerebral motivaram os estudos tanto na contemporaneidade, quanto em outras épocas da história. Por volta de 1800, o neuro-anatomista Franz Joseph Gall iniciou seus estudos acerca da teoria da dominância cerebral. Os pesquisadores, até aquele momento acreditavam que não havia divisões, ou áreas, responsáveis por determinadas funções. Acreditava-se que o cérebro era um todo e toda a atividade cognitiva do homem se dava em conjunto, sem subdivisões.

Gall refutou essa visão por acreditar que as características humanas, os traços de personalidade, o desenvolvimento cognitivo e as aptidões eram localizadas em partes do córtex cerebral. Segundo o neuro-anatomista o desenvolvimento das faculdades intelectuais acarretava hipertrofia do cérebro, ocasionando uma pressão sob a calota craniana, assim produziria uma saliência óssea. O contrário acontecia com as zonas menos utilizadas, ou de pouca atividade cerebral, nestes locais haveria uma ligeira depressão óssea. A partir dessas observações Gall formula a teoria das bossas. Ex: Um indivíduo que possuía aptidão para estudos de língua tinha bossa para a linguagem.

Esse momento da história é marcado por estudos pautados em suposições, uma vez que Gall desenvolveu seu mapa das localizações cerebrais pautando-se no desenvolvimento craniano dos indivíduos. Assim:

Ao estudar a cabeça, o crânio, o busto ou o retrato de pessoas de quem conhecia qualidades e esquisitices, Gall buscou estabelecer uma cartografia cortical. Tendo observado que os lóbulos frontais são mais desenvolvidos no homem do que nos animais, ele localizou na parte anterior do cérebro atitudes próprias do homem, como o senso de humor. Os traços comuns ao homem e ao animal, como instinto de procriação, foram colocadas na região posterior dos dois hemisférios (LEBRUN, 1983, P.10).

Diante do exposto, percebemos que o indivíduo não precisava participar diretamente dos estudos do médico, já que uma foto servia de base para se pudesse traçar o seu mapa cerebral. Gall afirmava que pessoas com aptidão pra estudos da linguagem, aqueles que conseguem decorar textos com facilidade tinham o globo ocular maior que o normal, olhos saltados ou “olho de boi” dessa forma o neuro-anatomista concluiu que havia uma hipertrofia no córtex frontal dessas pessoas, causando a pressão craniana, o que justificava o desenvolvimento do globo ócular. Dessa forma o desenvolvimento da memória verbal, segundo

Tomando como base os estudos acerca da dominância cerebral, em 1861, durante a reunião da sociedade de Antropologia, Paul Barca, trouxe novamente a discussão acerca da teoria da dominância cerebral, porém estes estudos se diferenciavam consideravelmente das concepções trazidas pelos discípulos de Gall.

Broca apresentou o famoso caso Leborne (tan-tan), seu paciente, que após passar por um evento neurológico tornou-se afásico, quinze anos antes de sua morte. Após autopsia, Broca constatou que havia uma lesão no lobo frontal esquerdo. Dessa forma ocorreu uma contraposição teórica entre Broca e os discípulos de Gall. A lesão do seu paciente encontrava-se na parte posterior do lobo frontal, isso prejudicou a atividade linguística do indivíduo. Segundo o mapa de localização de Gall, o desenvolvimento da linguagem situava-se na porção anterior do lobo frontal.

Em 1865, após diversos estudos anatômicos do cérebro, Broca estabeleceu para a sede da linguagem a parte posterior da terceira circunvalação frontal o hemisfério esquerdo (região hoje em dia conhecida pelo nome de área de Broca). De acordo com Lebrun:

É preciso observar que, para Broca, somente a linguagem articulada, isto é, a faculdade de produzir movimentos próprios da expressão oral, é localizada no hemisfério esquerdo. Tanto a compreensão da linguagem falada quanto à atitude geral para utilizar símbolos e estabelecer uma relação de sentido entre significado e significante dependem igualmente de ambos os hemisférios (LEBRUN, 1983, p. 13).

Broca, durante suas investigações, observou que existe um hemisfério dominante para a fala, assim como para a motricidade. O pesquisador afirmou que se o indivíduo for destro, seu hemisfério esquerdo será dominante para a realização de tarefas manuais, já se o indivíduo for canhoto seu hemisfério direito terá dominância, ou seja, os movimentos manuais serão determinados pelo hemisfério cerebral colateral.

Para Broca, a regra de dominância hemisférica para a linguagem, está situada no hemisfério esquerdo. Porém, cautelosamente, este estudioso previu exceções à regra, considerando a possibilidade de possuir a dominância da linguagem no hemisfério direito.

Prudentemente, Broca aponta que há particularidades no sujeito, no seu funcionamento cerebral, e este é apenas um dos motivos para analisarmos o sujeito num perspectiva individual. Mesmo sem recursos de neuroimagem, o estudioso traçou estudos de extrema relevância. Um desses conceitos refere-se à equipotencialidade dos hemisférios, pois segundo Broca, a aquisição da fala se dará no hemisfério mais desenvolvido, em regra o esquerdo. Em conjunto com a dinâmica cerebral é que se desenvolvem as aptidões verbais e de acordo com o estudioso

a faculdade da linguagem é um dos processos mais complexos desenvolvidos pelo cérebro. Porém a organização cerebral terá particularidades e Broca admitiu a possibilidade de rearranjos no processo de desenvolvimento cerebral. Broca diz que “se uma criança nasce com o hemisfério esquerdo atrofiado, ela aprende a falar com o hemisfério direito” (LEBRUN, 1983 p.15) isso justifica a equipotencialidade, quando o hemisfério oposto toma o lugar do outro sem prejuízos pra a criança.

Em 1874, Carl Wernicke, também médico anatomista, acrescentou mais um ponto às pesquisas em torno das áreas do cérebro, apontando, por meio de estudos, com sujeitos cérebros lesados, que uma lesão unilateral posterior do hemisfério esquerdo frontal também seria capaz de causar perturbações na compreensão da linguagem. Estabeleceu-se então à área de Wernicke na região posterior esquerda do giro temporal superior.

Adotando uma postura localizacionista, Wernicke buscava explicar a afasia por meio de análises das lesões cerebrais. Portanto as lesões localizadas na parte anterior do lobo frontal esquerdo foram denominadas como afasia de Broca, (que é caracterizada pela dificuldade emissiva de palavras, também chamada de afasia motora), já as que se situam na parte posterior foram designadas afasia de Wernicke, (pois o individuo apresenta dificuldades receptivas). Essas questões aprofundamos mais adiante.

Tais teóricos foram citados com o intuito de situar a pesquisa no que tange o avanço das concepções acerca do cérebro. Caminhando nessa direção, por volta de (1973/1981) Luria traz uma nova abordagem acerca do cérebro, desta vez como “sistema funcional complexo”. Este pressuposto teórico abordado por Luria(1973/1981), irá nortear a concepção de cérebro deste trabalho dissertativo, visto que tal abordagem parte do sujeito constituído a partir das relações histórico-sociais, nos princípios do marxismo e nas correntes positivistas evolucionistas da época. (ANDRADE, 2010).

Luria refuta a visão localizacionista que prevê o cérebro como um órgão dividido por faculdades onde as áreas trabalham individualmente. Ele se refere aos processos mentais que inclui as atividades ligadas à linguagem e sistemas funcionais complexos, que não podem ser restringidos a uma área concreta do cérebro, mas são a soma de atividades cerebrais internas e também produto externo, sócio-historicamente construídos. Assim o sistema trabalhará por meio de articulações entre as zonas, e mesmo estando situadas em áreas distintas, estarão se correlacionando. Essa dinamicidade da atividade cerebral proposta por Luria é abarcada pela neurolinguística enunciativa-discursiva que refuta a teoria que investiga o cérebro a partir de localizações restritas, sem interação entre as áreas cerebrais.

Segundo Luria (1973/1981) não é relevante associar a faculdade da linguagem à determinada área, tal visão torna-se simplista dada à complexidade de um sistema que funciona de modo integrado. De acordo com Damasceno (1995, p.149) “O modelo luriano de funcionamento neuropsicológico pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”.

Portanto ele acreditava que as experiências externas exerciam influência direta no desenvolvimento cerebral, dessa forma esse órgão pode moldar-se a partir do contexto que nos cerca. Segundo o autor, desde a infância a organização neurofuncional do indivíduo vai passando por etapas de desenvolvimento que acarretam em mudanças na “estrutura interfuncional”, assim as funções cognitivas vão se tornando cada vez mais complexas e possibilitando aos sujeitos resolverem problemas de naturezas diversas que lhes permitam transformar os meios, bens culturais a seu favor. (NOVAES-PINTO, 2012, p.57).

O dano a uma área afeta o sistema funcional, já que o sistema nervoso atua por meio de entrelaçamento das conexões neuronais que recebem e enviam informações. Assim surge a noção de cérebro dividido em cinco áreas, que são elas: subcorticais, frontais, parietais, occipitais e temporais. E três unidades funcionais: bloco I, bloco II e bloco III. Alguns autores usam a nomenclatura “unidade” em substituição a bloco. No que tange a organização e função, Luria(1973/1981) propõe o seguinte:

O Bloco I será composto por áreas que estão situadas na parte superior do tronco cerebral e superfícies mediais do sistema nervoso, são elas: (hipotálamo, tálamoótico e sistema de fibras reticulares), tem por função a manutenção do estado de alerta do cérebro controlando a atenção e selecionando os estímulos por meio das informações recebidas pelo cérebro através dos órgãos responsáveis pelos sentidos.

O Bloco II está localizado na parte posterior do cérebro (conforme ilustra a figura abaixo) e é formado pelos lobos parietal, occipital e temporal, mais precisamente composto pelas estruturas das regiões laterais do neocórtex e sobre a superfície convexa dos hemisférios, ocupando a região posterior dessas superfícies laterais.

Esse complexo sistema, de acordo com Luria (1973/1981) subdivide-se em zonas primárias, secundárias e terciárias e são responsáveis pela recepção síntese e registro de informações. Prepara as ações para que o Bloco III possa executar.

O Bloco III compõe-se pelas estruturas que estão situadas na região anterior do cérebro, lóbulos frontais, mais precisamente nas regiões laterais do córtex, sobre a superfície convexa

dos hemisférios. Sobre o bloco III, Luria (1981 p. 60) afirma que ele se apresenta como “um aparelho especial capaz de criar e manter as necessárias intenções, elaborar programas de ação a elas correspondentes, realiza-las nos devidos atos e, o que é de suma importância, acompanhar as ações em curso, comparando o efeito da ação exercida com as intenções iniciais”.

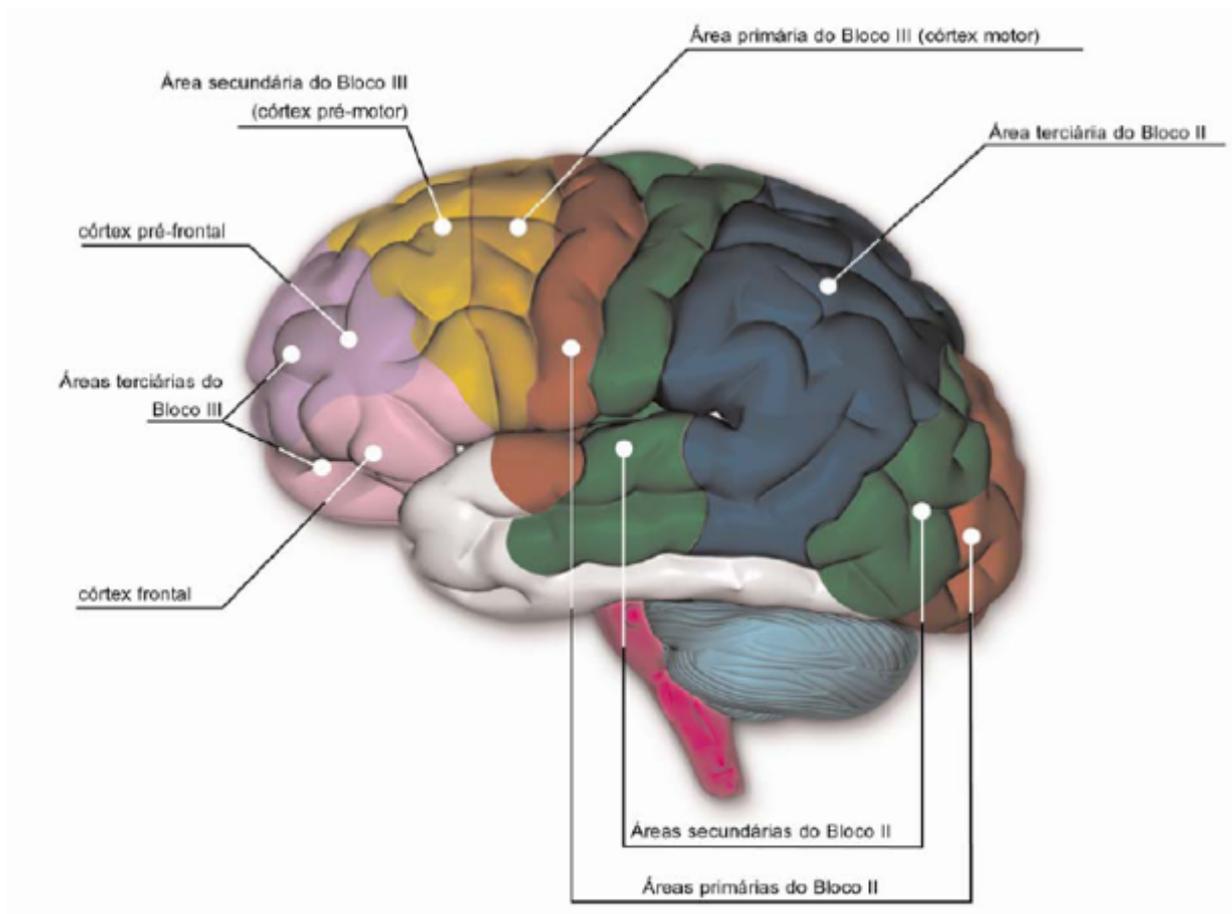
Também se subdivide em três zonas: primária, secundária e terciária. Esse bloco responsabiliza-se pela formação das intenções, programação da ação, regulação, verificação das atividades cerebrais, controle do desempenho ativo do homem. Assim como o bloco II que possui estrutura hierárquica, no Bloco III, essa organização ocorre inversamente, ou seja, as zonas primárias do córtex motor não são as primeiras, mas as últimas pela ordem de funcionamento. Coudry e Freire exemplificam a atuação conjunta dos Blocos, da seguinte forma:

O ato de escrever, portanto, apenas começa com um estado de alerta por parte do sujeito (Bloco I). Em seguida, tem-se a obtenção, elaboração e registro das informações do mundo exterior (Bloco II) e, finalmente, o estabelecimento de intenções, a programação da ação e sua realização continuamente monitorada e ajustada (Bloco III). Sem o trabalho coordenado dos três blocos não há aprendizado possível (COUDRY; FREIRE, 2005 p. 31)

Nesse sentido, o cérebro se comporta como um sistema funcional complexo e integrado e quando há lesão, danos cerebrais, como traumatismos, acidentes encefálicos, é possível que a zona que não foi lesada faça reajustes para suprir a área lesada.

FIGURA 2

Cérebro, sistema funcional complexo proposto por Lúria (GOMES 2008, p.35)



Para Schields (1996) apud Prestes(1998, p.30), “se há uma forma de compensar (a lesão), o cérebro em desenvolvimento irá compensá-la”. Prestes (1998), afirma que após um acidente vascular cerebral, automaticamente ocorrem modificações no sistema nervoso central, essas alterações são resultantes de modificações sinápticas, formação de novas conexões, interrupção de atividades neuronais. De forma conjunta o cérebro trabalhará para diminuir os danos ocasionados pelo AVC estabelecendo circuitos paralelos, onde a região que possui seu tecido intacto, mediará a função que antes era desempenhada pela área lesada.

Para a neurolinguística enunciativa-discursiva, essas estratégias compensatórias para manter a função sináptica do córtex, são as razões para a efetivação e fundamentação de estudos que analisam o sujeito em sua individualidade. Cada processo de organização e reorganização levará em conta fatores internos ao cérebro e individuais a cada sujeito, nessa perspectiva Novaes-Pinto (2012, p. 58) faz a seguinte afirmação:

A concepção do sistema nervoso como uma espécie de máquina ou computador é radicalmente inadequada e precisa ser suplementada por conceitos mais dinâmicos, mais vivos (...). Há um outro cérebro que a ciência não estuda ou só considera marginalmente. É, em primeiro lugar o cérebro de indivíduos, cada um diferente do outro; e depois, o cérebro de indivíduos pertencentes a culturas diferentes.[...] Estuda-se um cérebro *normal* que na realidade não existe (NOVAES-PINTO, 2012, p. 58).

A NED traz para a discussão, à organização e o desenvolvimento das funções cognitivas concernentes à linguagem, após a patologia, considerando que os sujeitos continuam ativos. Corroborando com as pesquisas em neurociência de Houg e Eggers (1991), Fragoso (1997) Tissot (1986) entre outros estudiosos das ciências médicas, ou teorias linguísticas, apontam para o processo de neuroplasticidade tanto em situações patológicas, quanto no desenvolvimento neuronal normal.

Segundo a NED existem outros caminhos dentro da afasia. O processo de construção e ressignificação cognitiva humana não pode ser medido pela patologia ou pela idade. O cérebro é um sistema complexo, aberto, interativo e se desenvolvendo mediante estímulos e necessidades. Falar do papel do outro e caminhar para concepção de linguagem

4.2 Concepção de linguagem

As discussões acerca da linguagem, evidentemente dominam o desenvolvimento deste trabalho dissertativo, portanto, apresentarei neste texto a concepção de linguagem que norteia o estudo em questão.

Ao abordar o sujeito na afasia por meio do viés teórico da neurolinguística enunciativa-discursiva, fica claro que esses estudos discursivos ganham profundidade e coerência através do aporte teórico do círculo bakhtiniano, estes estão alicerçados nas teorias dialógicas do discurso, que apresentam fontes teóricas importantes, ultrapassando a abordagem da linguagem como mera ferramenta comunicacional.

Ao buscar em Bakhtin (1929/2006) respostas para os questionamentos acerca da linguagem, nos deparamos com um leque de informações privilegiadas que aborda a linguagem através de um movimento dialógico, em direção a alteridade, discurso e heterogeneidade, fruto da atividade responsiva.

Segundo Bakhtin (1929/2006) a língua configura-se como a realidade material da linguagem, enquanto esta (a linguagem) é uma prática social. É, nesse caminho que o autor apresenta sua visão sobre a língua e linguagem, afirmando que “se a língua é determinada pela

ideologia, a consciência, portanto o pensamento , a “atividade mental” que são condicionados pela linguagem, são modeladas pela ideologia. (BAKHTIN, 1929/2006, p. 17).

Bakhtin (1979/1997) afirma que seu objeto de estudo é o discurso e analisa “ a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística”(p.181). Porém o autor não desconsidera os estudos linguísticos, mas defende a aplicação dessas pesquisas a análises metalinguísticas. O autor destaca que a linguagem sobrevive na dialogicidade, na enunciação. Essas informações são descritas em “Estética da criação verbal” (1979), onde o autor comenta que as relações dialógicas são relações de sentido entre enunciados e essa dinâmica interativa está repleta de vozes discursivas.

Essa compreensão de linguagem se constitui através de uma concepção de sujeito construído socialmente e tal constituição só se efetivará através da linguagem. Portanto a teoria bakhtiniana exclui a possibilidade de uma abordagem individualista, pois a constituição do sujeito tem sua efetivação no processo interacional, realizado na enunciação e mediado pela linguagem, que tem sua realidade material na língua.

Arelada a concepção Bakhtiniana de linguagem a neurolinguística enunciativa-discursiva corrobora com os postulados de Franchi (1977). Esse autor afirma que:

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos cortes metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal fora do processo - a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois não é um dado ou um resultado, mas um trabalho que “dá forma” a um conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido, que ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade com um sistema de referências em aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença. Seja exercendo suas opções solitárias. (p.31)

Assim, as reflexões da neurolinguística enunciativa-discursiva, em torno da linguagem configuram-se como um espaço de discussões sobre a constituição dos sujeitos na e pela linguagem. Uma noção que busca situar os sujeitos no processo dialógico e interativo para que haja produção de sentido nos enunciados.

De acordo com o que já foi descrito, caminharemos para discussões que versam acerca da constituição do sujeito através do outro e da solidariedade na linguagem. Tal abordagem se faz necessária, uma vez que a constituição dos sujeitos se dará por meio daquilo que lhes é externo.

5 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O “OUTRO” E A “SOLIDARIEDADE NA LINGUAGEM

Segundo as teorias bakhtinianas, o sujeito emerge de uma incompletude no que tange à linguagem, o discurso, e ao percurso sócio-histórico. Sua subjetividade se constrói a partir das relações que o “eu” estabelece com o “outro”. Para Bakhtin (1929/2006) não há possibilidades de este indivíduo ser puramente psicológico, já que ele está inserido no âmbito dialógico-interativo, portanto é um sujeito dialógico que se constrói por meio do princípio da solidariedade na linguagem. Tendo em vista que a palavra lançada ao outro, segundo o autor, é como uma ponte, que une locutor e interlocutor, estes precisam estar dispostos, solidários, para que a interação se efetive. Bakhtin discorre acerca da importância da palavra e afirma que ela contém duas faces, “procede de alguém” e “se dirige a alguém”:

Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1929/2006, p.115).

Mas ao tratar da palavra, o autor não a reduz ao ato físico de materialização do som. Bakhtin (1929/2006) considera que “todas as manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação intersemiótica, a mímica, a linguagem gestual, os gestos condicionados, etc.” (p.41). Essa teoria é denominada “psicologia do corpo social”. De acordo com tal concepção a enunciação se dá sob modos de diferentes formas de discursos. Elas estão intimamente ligadas à situação social.

A constituição do Eu liga-se a fatores externos e a relação de troca entre os sujeitos, tendo em vista que o indivíduo está atrelado a alteridade, pois está sempre em relação com outros indivíduos e esse elo traz consigo o repertório ideológico, que por sua vez toma forma por meio do conteúdo semiótico. Bakhtin (1979, p.297) afirma que “é na alteridade que os indivíduos se constituem”, portanto, posicionamentos, reflexões, tomadas de decisão, são produto das relações de interação.

Em consonância com os estudos a cerca da filosofia da linguagem de Bakhtin, Levinas, um filósofo da contemporaneidade, traça um percurso de análises do mundo por meio das suas experiências, vivenciadas durante duas guerras mundiais. É perceptível, na obra deste autor,

que seu olhar foi profundamente afetado pelos fatos ocorridos durante esse período tão trágico de cárcere para muitos, inclusive para ele e de morte para tantos outros. Tal contexto fez com que Levinas buscasse outras formas de dar sentido ao ser no mundo contemporâneo.

O autor tece duras críticas à filosofia ocidental pautada na ontologia, que tende a fechar o homem em si mesmo, em uma concepção de neutralização do Outro para o conhecimento de si. Tal perspectiva faz com que o Mesmo carregue consigo a espontaneidade egoísta que oprime e aterroriza os homens em detrimento do seu bem estar. A relação com o Outro se limita a uma relação de soberania e domínio. O Outro se reduz ao Mesmo na medida em que o outro se torna meu.

Esta relação não se configura como uma dinâmica que permite a transcendentalidade do Outro, mas um processo que culmina na posse para fins de compreensão do Eu. Isso se dá por meio da negação da independência do Outrem. Nas palavras do autor,

a ontologia heideggeriana que subordina a relação com o Outrem à relação com o ser em geral – ainda que se oponha à paixão técnica, saída do esquecimento do ser escondido pelo ente – mantém-se na obediência do anônimo e leva fatalmente a um outro poder, a dominação imperialista, à tirania. (grifo nosso) Tirania que não é expressão pura e simples da técnica a homens reificados. Ela remonta a estados de alma pagãos, ao enraizamento no solo, à adoração que homens podem votar a seus senhores. O ser antes do ente, a ontologia antes da metafísica é a liberdade (mesmo que fosse da teoria) antes da justiça. É um movimento dentro do Mesmo antes da obrigação em relação ao Outro. (LEVINAS, 1980/2011, p.34).

Nessa perspectiva, Levinas rompe com a visão individualista do ser. Os esforços da sua teoria fundam-se em opor-se ao assassinato do Outro. O que se preconiza é a manutenção do Eu através do Outrem, de modo que não seja uma imposição, que não viole nenhuma das partes.

Em se tratando de construção do Eu através das relações com o Outro, o autor concebe a linguagem como peça-chave para a consolidação desta afirmação. A experiência com a linguagem não aparece aqui de modo isolado. A significação não se dá a partir de si mesma. Ela se constitui a partir do “mundo”, tomando como ponto de partida a posição do olhar para este “mundo”. Entram em cena fatos sociais e históricos que fazem com que os elementos de significação se contextualizem. Este é o lugar da significação, neste sentido:

A linguagem refere-se ao lugar daquele que escuta e daquele que fala, quer dizer a contingência de sua história. Captar por inventário todos os contextos da linguagem e das posições em que podem encontrar-se os interlocutores, é

empreendimento insensato. Cada significação verbal encontra-se na confluência de rios semânticos inumeráveis. (LEVINAS, 1993/2012, p24).

A todo o tempo os autores citados colocam em questão as discussões acerca da linguagem como constituinte do ser, as relações que se dão face a face. As proposições do locutor e do interlocutor levam o Mesmo e o Outro a uma relação de finitude e infinitude, sendo que o caráter infinito é restrito ao Outro. Nas palavras de Levinas, “a significação é infinito, isto é, Outrem.” (LEVINAS, 1980/2011, p. 202).

Dessa forma, podemos compreender que quando os sujeitos afásicos são colocados em relação de interação com o interlocutor, percebemos que o “Outrem” o constitui. Por meio do outro a subjetividade do locutor emerge. Bakhtin (1929/2006) afirma que compreender é um processo ativo e responsivo, é o mesmo que opor a palavra do locutor a uma contrapalavra, fazendo disto uma réplica. Os sentidos que se constroem destes enunciados não estão no falante nem na palavra, assim como não a encontraremos no outro. O sentido está presente no processo de interação e interpretar/compreender corresponde a um processo ativo/criativo.

Neste contexto, a significação é trazida pelo Rosto, não o “rosto” no sentido físico, estético, mas o Rosto a que Levinas se refere, diz respeito ao universo de valores, as mazelas da vida, ao sofrimento humano, aos problemas e dificuldades pelas quais os indivíduos passam. E esse Rosto busca no Outrem seu centro de gravidade. Portanto a significação é inesgotável em suas possibilidades e fundamenta-se no ser. De acordo com Levinas, “esse qualquer coisa que se chama significação surge no ser como a linguagem, porque a essência da linguagem é a relação com o Outrem.” (LEVINAS, 1980/2011, p. 202).

A visão de Levinas, acerca da essência da linguagem e sobre a relação que se estabelece com o Outro se distancia da ontologia que afirma que a expressão parte do interno para o externo. Bakhtin (1929/2006) também desconsidera tal concepção, pois segundo a sua teoria a expressão deriva do externo para o interno.

Ao afastar-se do ser egológico e buscar referência no Rosto, o Eu começa a trilhar o caminho da ética, uma vez que o Rosto chama os sujeitos a responsabilidade para com Ele. Este Outro será sempre o desconhecido, porém inesgotável em si que, a todo o tempo trará o novo e será o espelho do Eu.

Levinas (1980/2011, p. 38) afirma que “o Discurso acolhido é um ensinamento”, esse Discurso significa o Outro e tudo aquilo que ele pode ofertar no Eu. Tal prática culmina numa relação ética, onde o que é exterior agrega ao Eu tudo aquilo que ele não possui. Essa transitividade, que não se dá por meio da posse, da violência produz a epifania do Rosto.

Essa exterioridade não apelativa, desprovida da necessidade de exercer poder, não se reduz a interioridade, constrói a perspectiva de constituição do Eu através do Outro, dando a ideia de uma não totalidade humana. Uma vez que o ser não pode ser concebido como terminado e fixo. Segundo o autor:

Afirma-se, certamente, que as significações culturais, são seu pluralismo, não traem o ser, mas que, com isso, se elevam a medida e a essência do ser, isto é, à sua maneira de ser. O ser não é de maneira alguma coagular em esfera parmediana, idêntica a si mesma, nem criatura terminada e fixa. A totalidade do ser a partir das culturas, de forma alguma seria panorâmica. Não haveria totalidade no ser, mas totalidades. (grifo nosso). (LEVINAS, 1993/2012, p.39).

Porém, para Levinas, não há construção do Eu, não há ultrapassagem do subjetivo se não houver o Desejo. O desejo do infinito que não se satisfaz, pois segundo o autor, quanto mais o indivíduo caminha em direção ao desejável, mais insaciável se torna. “O desejável não preenche meu Desejo, mas aprofunda-o, alimentando-me, de alguma forma, de novas fomes.” (LEVINAS, 1993/2012, p.49). Esse Desejo é a procura pela satisfação de uma fome sublime, não é um desejo animalesco, que busca o domínio e causa a guerra entre os homens. É um Desejo desinteressado, generoso que eleva o ser a transcendentalidade:

O Desejo é o desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração, sem que seja possível esboçar qualquer carícia. Desejo sem satisfação que, precisamente, entende o afastamento, a alteridade e a exterioridade do Outro. Para o Desejo, a alteridade, inadequada a ideia, tem um sentido. É entendida como alteridade de Outrem e como a do Altíssimo. (LEVINAS, 1980/2011, p.20-21)

Esse Desejo, citado pelo autor, é que pode ser percebido durante as sessões de Acompanhamento Longitudinal com SS, sujeito desta pesquisa. O Desejo de reorganizar a linguagem, o Desejo de não ser dito pelo outro, o Desejo de ter a sua autonomia de volta, o Desejo de constituir-se enquanto sujeito capaz. O grande Desejo de mostrar para o outro que apesar das limitações, esse sujeito continua “normal,” pensante.

Levinas considera que o ser (locutor) é convocado às suas responsabilidades para com Outrem (interlocutor), mas está esvaziada de egoísmos. Nessa perspectiva o eu jamais poderá se furtar do seu papel, pois ninguém pode responder em seu lugar. Segundo Almeida:

No pensamento de Kierkegaard e Levinas a ética constitui o verdadeiro sentido da existência e estas não podem ser concebidas isoladamente. Existir é sinônimo de existência ética, no âmago da subjetividade; é assumir em primeira pessoa, a tarefa radical de ser eleito ou voluntário que é disposto ao sacrifício para que, no outro concreto, a finalidade última da existência possa ser realizada. (...) A ética da alteridade ou da responsabilidade é fundamentalmente uma concepção de ética calcada na doação ao próximo, preferencialmente, ao mais carente e necessitado, (...). A ética em última instância exige o sacrifício de si, a abnegação de si, a doação de si para com a dignidade do próximo (ALMEIDA, 2009, p. 176).

A responsabilidade para com o Outrem, que é transcendente, infinita, conduz à ética e impede que o Eu retorne a si mesmo. Assim a relação face a face exige do Eu a responsabilidade ética da doação de si. Desta forma a reciprocidade entre locutor e interlocutor é o terreno onde a ética de doação de si pode desabrochar. Nesse sentido, para a efetivação do discurso na afasia a atividade responsiva do Outro precisa estar presente. O Eu e o Outro devem estar esvaziados de egoísmos, a prática discursiva precisa acontecer naturalmente, contextualmente. De fato o discurso de um sujeito afásico apresenta limitações, rearranjos e muitas vezes precisa de um exercício maior por parte do interlocutor para compreender o dito intencionado. Mas, por meio da solidariedade na linguagem é possível estabelecer diálogos e interações que serão significativas tanto para o locutor, quanto para o interlocutor.

6 A LINGUAGEM COMO ATIVIDADE CONSTITUTIVA - BAKHTIN E SEGUIDORES

As discussões em torno da linguagem, não são um privilégio de contemporaneidade, filósofos como Platão e Aristóteles, já debatiam publicamente sobre essa temática. Atualmente tanto o legado de Saussure, que iniciou uma nova visão acerca da linguística, como os de Bakhtin, Jakobson, Franchi, entre outros, abordam a linguagem como algo que pertence a natureza humana, que não pode ser criada e nem inventada, portanto afasta-se aí a noção ingênua de linguagem como instrumento ou ferramenta meramente comunicacional.

Não há como separar o homem da linguagem, já que esta é uma atividade constitutiva dos sujeitos e é de natureza histórico-cultural. É através da linguagem que o homem se constitui como sujeito. Portanto a construção do sujeito perpassa pela sua relação com a linguagem, pois é a linguagem que humaniza o homem.

Segundo Franchi (1977) a linguagem é uma atividade construtiva regida por parâmetros histórico-culturais, nas quais todos os sujeitos são incompletos diante das possibilidades da linguagem. Apesar da complexa organização da linguagem, que faz com que os sujeitos se apropriem da língua, é por meio do ato discursivo que emerge a subjetividade, em suas mais variáveis instâncias. Há linguagem em toda atividade humana, até mesmo o silêncio se configura como uma forma de externar a linguagem contida na teia que envolve o pensamento, a linguagem e a realidade apreendida.

Retomando as discussões iniciais dessa dissertação em que Franchi (1977) traz o conceito de linguagem como atividade criadora, refutando assim a noção de linguagem como ferramenta comunicacional. Para este autor a linguagem não é um meio, um utensílio, ela é o próprio agente constitutivo dos indivíduos, ela carrega em si a emergência da subjetividade e o aspecto criativo. Portanto ela não se apresenta como um produto, mas como uma atividade. De acordo com Franchi:

Temos então que apreendê-la nesta relação instável de interioridade de exterioridade, de diálogo e de solilóquio; antes de ser para comunicação, a linguagem é para elaboração; antes de ser mensagem, a linguagem é construção do pensamento; antes de ser veículo de sentimentos, ideias, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências. (FRANCHI, 1977, p.25).

As noções de linguagem apresentadas por Franchi corroboram com Bakhtin (1929/2006) o qual destaca a natureza social da linguagem e também desconsidera as análises

reducionistas que tendem a “reificar” a linguagem, levando-a para o campo do descritivismo abstrato transformando o signo em sinal e separando-os em classes, homogeneizando, padronizando e classificando uma parte que compõe a linguagem, a língua. Assim:

Na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, à identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado (JAKOBSON *apud* BAKHTIN, 1929/2006 p.11).

Em suas análises baktinianas, Jakobson coloca a linguagem em um cenário de várias relações, que são interdependentes e formam um todo que se complementam e se completam. Vê-se, portanto a heterogeneidade e a pluralidade da natureza da linguagem, que depende de uma gama de situações que são regidas pelas relações sociais.

Assim as discussões em torno da semiótica e do domínio ideológico dão forma as teorias baktinianas sobre linguagem. Tendo em vista que, a compreensão do signo interior se dá através de sua relação de totalidade com os fatos que constitui a experiência exterior e esclarece o signo interior. Toda essa dinâmica só se configura por meio da situação social, pois segundo Bakhtin, “o signo e a situação social em que ele se insere estão indissolúvelmente ligados. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica” (BAKHTIN, 1929/2006, p.62)

Desta forma percebe-se a existência de uma interação entre o campo das ideias e da palavra, não existindo uma sem a outra. Para esse autor as atividades cognitivas e o pensamento, não são estruturados de somente de forma cognitiva. Elas são determinadas por fatores histórico-sociais e culturais aos quais os indivíduos são submetidos. Por esse motivo, pensamento e linguagem se cruzam. Dessa forma, Geraldi afirma que:

A aprendizagem da linguagem é já um ato de reflexão sobre a linguagem: as ações linguísticas que praticamos nas interações em que nos envolvemos demandam esta reflexão, pois compreender a fala do outro e fazer se compreender pelo outro têm a forma do diálogo: quando compreendemos o outro, fazemos corresponder à sua palavra uma série de palavras nossas; quando nos fazemos compreender pelos outros, sabemos que às nossas palavras eles fazem corresponder uma série de palavras suas. (...) Se entendermos a linguagem como mero código, e a compreensão como decodificação mecânica, a reflexão pode ser dispensada; se a entendermos como uma sistematização aberta de

recursos expressivos cuja concretude significativa se dá na singularidade dos acontecimentos interativos, a compreensão já não é mera decodificação e a reflexão sobre os próprios recursos utilizados é uma constante em cada processo. (GERALDI, 1991, p. 17).

As análises acima feitas por Geraldi dão conta da compreensão ativo responsiva através da qual os sujeitos constroem seus enunciados. Nesse sentido, o autor exclui o entendimento da linguagem enquanto mero código, utilizado simplesmente para a comunicação. A palavra que parte do locutor busca sentido no interlocutor, a partir daí se constrói uma teia aberta a reflexões, análises e principalmente, a interação. No afásico isso não é diferente, esse sujeito não perdeu a capacidade de reflexão, como muitas pessoas imaginam. A reflexão faz parte do processo interacional em sujeitos afásicos e não afásicos. Tal movimento de correspondência entre as palavras do outro e do eu, ou seja, a relação de alteridade faz com que a subjetividade do sujeito possa aparecer.

A contextualização, a alteridade, a inserção do sujeito (sejam eles afásicos ou não afásicos) nas esferas da sociedade, vão dando sequência à formação do ser, enquanto sujeito dotado de subjetividade. Esse processo jamais será estanque, uma vez que essa dinâmica está em constante ressignificação.

Os elementos sociais, históricos que se unem a ecos de outras vozes, segundo Bakhtin, não “apagam” o sujeito, nem o torna cópia de outros sujeitos, muito pelo contrário. Esse movimento dialético traz a cena diversas situações discursivas e os mais variados tipos de atores sociais que se entrecruzam e promovem ações de subjetivação. Para que as ações de subjetivação aconteçam, se faz necessário que os aspectos sociais unam-se aos individuais, para que a subjetividade possa se configurar.

Assim a noção que Bakhtin, carrega acerca da alteridade dos sujeitos, na, para e pela linguagem marcam a posição de “sujeito inacabado”, aquele que sempre precisará de ecos de outras vozes para constituir seu “eu”. Bakhtin afirma que:

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como *palavra minha*, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. (BAKHTIN, 1997, p.313)

Portanto, as vozes discursivas ecoam nos enunciados, o outro está constantemente presente mesmo que virtualmente. Esse compreende o princípio da alteridade, pois,

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, convertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é um Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear (BAKHTIN, 1979, p. 319).

Assim o autor nos leva a refletir acerca de um sujeito social, que se relaciona com outros, que se ancora nas relações externas e nesse fluxo de doação de si e recebimento através do processo interativo e dialógico da linguagem e que se funda na alteridade. Ou seja, o sujeito me altera na medida em que também é alterado por mim.

Essas vozes que circundam os enunciados são denominadas por Bakhtin de polifonia, que para ele a “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis” (1979, p. 02) são próprias do sujeito, que se tornam donos de seus próprios discursos. Os discursos polifônicos abordados por Bakhtin tem por característica o não-acabamento, não é um texto fechado, fundado em si, possibilitando as múltiplas produções de sentido.

Esse cruzamento de enunciados, que é um traço fundamental da alteridade, nos mostra que é impossível existir um discurso neutro, um sujeito que não esteja impregnado de outras vozes, uma vez que a subjetividade/individualidade se dá através dessa cadeia dialógica e interativa. Segundo Bakhtin, os sujeitos não serão reprodutores de enunciados alheios, pois essa gama de experiências vivenciadas pelos indivíduos (que são únicas para cada sujeito) os torna um ser singular. Em se tratando de sujeitos afásicos, essa discussão vai um pouco além, pois rotineiramente esses sujeitos são taxados como incapazes e o seus processos enunciativos são desconsiderados.

Quando o sujeito afásico faz uso de outros recursos linguísticos, que não são os recursos considerados “padrão”, como já citado, percebemos que os preconceitos sofridos por esses indivíduos, tornam-se maiores e se configuram como barreiras para que se estabeleça a interação, ou seja,

Muitos dos processos de significação que se apresentam como solução para o afásico expressar seu dizer envolvem sistemas não verbais (gestos/corpo; objetos; relações entre objetos; práticas sociais) que se articulam com processos de significação verbais no funcionamento discursivo da linguagem e, assim, são chamados de *alternativos* em relação ao sistema da língua e a

seu uso social e partilhado. Uns são previstos pelo próprio sistema da língua em funcionamento; outros se apresentam como *não oficiais, intermediários/gato*, e muitos podem manifestar e repetir conteúdos psíquicos como ocorre também com não afásicos; outros, como se disse, ainda são possíveis pela relação da linguagem com a semiose não verbal e se referem à possibilidade de verbalizar gestos, crenças, objetos, ações, atitudes, raciocínio matemático, o que corresponde à tradução intersemiótica. (COUDRY, 2008, p. 11)

Como podemos observar os sujeitos afásicos, normalmente fazem mais uso de recursos “não oficiais”, do que sujeitos não-afásicos, isso faz com que esses indivíduos muitas vezes, sejam vistos como “anormais”, pois suas expressões são desconsideradas e julgadas como incoerentes. De fato, para a neurolinguística discursiva, há o entendimento de que apesar de existir o comprometimento linguístico em pessoas cérebro-lesados, existe ali um sujeito da linguagem, que dela faz uso e interage com a realidade que o cerca. Neste sentido a utilização de atividades repetitivas, de mera verbalização, utilizadas em situações de acompanhamento terapêutico, com o intuito de “recuperar” aquilo que foi “perdido”, precisa ser descartado, uma vez que para Bakhtin:

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social* (BAKHTIN, 1929/2006, p. 111)

Sendo assim, não podemos considerar a postura do subjetivismo individualista, que segundo Bakhtin constitui-se como um obstáculo para a compreensão real da natureza da linguagem como código ideológico. Essa, teoria, o subjetivismo individualista, segue o pensamento de Humboldt que concebe o sujeito a partir de uma enunciação monológica, sendo ela um ato estritamente particular, uma expressão da consciência individual. Essa teoria prioriza o que é interior, sob o que é exterior, na qual a fonte principal da expressão reside no interior dos indivíduos.

Se abarcarmos o sujeito afásico, como um ser individualista, no que tange a questão enunciativa, estamos transferindo para ele toda a responsabilidade por sua objetivação (expressão). Bakhtin refuta essa teoria, pois:

O centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é *a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação. Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será

determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (BAKHTIN, 2006, p.114)

Para esse autor, os indivíduos possuem um “auditório social” no interior de cada um, mesmo que em seu pensamento o sujeito não se refira a um interlocutor abstrato. É diante dessa concepção de interação e dessa relação dialógica que é constituída a subjetividade dos sujeitos, é por meio desse cenário onde está presente um “horizonte social”, que os indivíduos constroem suas deduções interiores, motivações, apreciações e por consequência externam aquilo que lhes foi apreendido.

Assim, ao analisar dados de afasia, os enunciados dos sujeitos afásicos só podem ser significados no interior do processo dialógico em que estão inseridos, como também ocorre com os enunciados de qualquer outro sujeito (NOVAES-PINTO, 2008).

Nesse sentido, é importante que haja solidariedade na linguagem, o interlocutor precisa estar disposto a compreender aquilo que o sujeito com afasia quer lhe dizer. O enunciado, sem dúvida, é uma reprodução da singularidade do sujeito. Na afasia isso não é diferente. A recriação, releitura, construção, produção, são possíveis para o sujeito afásico e seu enunciado será sempre um novo acontecimento, dada as circunstâncias que não se repetem. Bakhtin nos mostra que o enunciado não é fruto apenas daquilo que é externo a ele, é uma construção nova, dialética.

O autor reforça a importância de se pesquisar acerca das formas materiais de expressão, formas de comunicação no contexto da vida e por meio dos signos. Essas formas de expressão estão repletas de conteúdos ideológicos, socialmente organizados e que são fruto da interação, do dialogismo e por consequência estão carregados de subjetividade. Nesse sentido, em consonância com os processos alternativos de significação, Bakhtin, utilizando de outra terminologia, discorre acerca da psicologia do corpo social, que deve ser analisada através de duas perspectivas, a do tema (sentido da enunciação) e dos tipos e formas de discurso, “através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados e são pensados”. (BAKHTIN, 1929/2006, p.42), segundo o autor:

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência autoreferente, a regulamentação social, etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de *diferentes modos de discurso*, sejam eles interiores ou exteriores. Este campo não foi objeto de nenhum estudo até hoje. Todas estas manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação de natureza semiótica, à mímica, à linguagem gestual, aos gestos condicionados, etc. (BAKHTIN, 1929/ 2006, p.41).

É por meio da psicologia do corpo social que os sujeitos revelam-se. Os gestos, o corpo, o linguístico, o extralinguístico tornam-se produtores de significados. Este é um campo para vastas análises, uma vez que o que é exterior ao indivíduo une-se aquilo que é interno ao ser, moldado o processo discursivo. De fato todas as relações estabelecidas pelos sujeitos são regidas pela linguagem, sendo assim a psicologia do corpo social é justamente este ambiente propício aos atos de fala.

Nessa perspectiva interna do signo, toda crítica pode tornar-se um elogio, assim como a verdade viva pode ser para muitos uma grande mentira. Dessa forma o encontro do sujeito com o que lhe é exterior, sua relação dialógica com o mundo é repleta de contrastes que dificultam a construção do seu Eu.

Para Bakhtin o psiquismo subjetivo está no limite entre o organismo e o mundo exterior, embora o encontro entre organismo e mundo exterior de fato aconteça, ele não se dá no mundo físico, encontram-se no universo do signo.

Dessa forma não basta colocar dois indivíduos face a face para que haja interação, é necessário que esses sujeitos estejam organizados socialmente, que formem um grupo, somente assim um sistema de signos poderá se constituir. A partir dessa constituição nasce a psicologia do corpo social, que não está situada no interior dos indivíduos, ela é exterior e encontra-se na palavra, no gesto, no ato. Ela reside na troca, no material, na interação verbal:

Desta forma não há o surgimento repentino de um posicionamento. O ato discursivo não é individual e ingênuo, nem tão pouco desprovido de intencionalidade. Todo posicionamento parte de algo já existente, de uma relação já estabelecida, tendo em vista que inegavelmente o ser reflete-se e refrata-se no outro. Tal relação se produz sem que o indivíduo se dê contra desse processo.

Mas o que Bakhtin define como individualidade? Como ela se apresenta? O autor afirma que o conceito de individualidade torna mais complexo a delimitação entre psíquico e ideológico, pois muitos são levados a crer que o psiquismo está no âmbito individual, enquanto a ideologia é social. Pois ao tratar da questão social correlacionam-na com “natural”, mas a individualidade abordada aqui não se trata do indivíduo biológico natural. Bakhtin volta-se para o indivíduo enquanto sujeito, aquele que é detentor de conteúdos da sua consciência, autor dos seus pensamentos e de seus desejos. Este sujeito apresenta-se como um fenômeno sócio-ideológico.

Assim, a separação entre psiquismo como sendo individual e ideologia, social, não se sustenta, pois o produto do psiquismo individual é de natureza social, assim como o da ideologia. E é nesse processo de extrema complexidade que o sujeito se conscientiza da sua individualidade. Tudo aquilo que o circunda, está intimamente ligado a fatores sociológicos. Dessa forma,

para evitar os mal-entendidos, convém sempre estabelecer uma distinção rígida entre o conceito de indivíduo natural isolado, não associado ao mundo social, tal como o conhece e estuda o biólogo, e o conceito de individualidade, que já se apresenta como uma superestrutura ideológica semiótica, que se coloca acima do indivíduo natural e é, por consequência, social. (BAKHTIN, 1929/2006, p.58)

Bakhtin aponta que o centro organizador da enunciação não está no indivíduo, mas naquilo que lhe é externo. Portanto o nosso mundo exterior é adaptável às diversas formas de expressão. Quando o indivíduo passa pelo processo de objetivação social, experienciando a arte, religião, ciência, moral, política, entre outros a consciência torna-se uma força real que reforça uma expressão ideológica sólida, portanto pode-se afirmar que este é um fato social, não um ato individual.

Ao negar o sujeito individualista, fechado em si mesmo, Bakhtin tece discussões acerca de um sujeito que anseia pela presença de outro e traz para seus estudos a concepção de Kant (1967) que se ancora na impossibilidade de conhecimento do sujeito fora do discurso. Para esse autor o comportamento, o discurso, em qualquer situação, não pode reduzir-se a um sujeito individual, isolado em si mesmo. De acordo com Dahlet:

O princípio dialógico articula-se em três posicionamentos maiores: Um sobre a natureza social: a socialidade é essência intersubjetiva. Um segundo sobre a natureza do signo: o signo é para agir. Um terceiro enfim, a natureza do sujeito: o sujeito é feito do que ele não é (DAHLET, 2008, p.55).

A união desses elementos evidencia o que Bakhtin chama de natureza constitutivamente dialógica da linguagem. A intersubjetividade, a ação e incompletude do sujeito marcam a enunciação de modo que fica evidente a presença de outras vozes que invadem o discurso construído pelo indivíduo. O sujeito bakhtiniano não é homogêneo, acabado, ensimesmado, ao contrário, assim como o sujeito kantiano, para Bakhtin o sujeito é construído de heterogeneidades, composto de discursos híbridos e descontínuos, é, portanto um sujeito inacabado, jamais um “sujeito coisa” (DAHLET, 2008, p.57).

Assim, um sujeito continua, mesmo após um episódio neurológico, sendo sujeito da linguagem, interativo, dialógico, que percebe o mundo ao seu redor. O que muda são as estratégias que serão utilizadas para significar o dito intencionado. Tais análises só podem ganhar consistência no interior dos diálogos, porque ali está a constituição do sujeito por meio da linguagem. O sujeito afásico, sendo este indivíduo inconcluso, inacabado, em relação à linguagem, como qualquer outro sujeito, precisa das situações discursivas para constituir o seu eu. Se, após a afasia, a postura da família/sociedade, for de exclusão e isolamento, esse processo de constituição do sujeito por meio do outro, mediado pela linguagem, fica comprometida.

Dessa forma, veremos no capítulo a seguir a construção metodológica que nos levou a aliar as teorias elencadas nesse estudo às análises dos dados coletados durante o processo de acompanhamento longitudinal do sujeito desta pesquisa.

7 METODOLOGIA, CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

7.1 A natureza do estudo

O percurso metodológico trata das formas de delineamento do estudo, cuidando dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos uma vez que finalidade de um trabalho como este é tratar a realidade teórica e prática. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. E é este caminho que será apresentado neste capítulo.

Esta pesquisa foi realizada por meio do acompanhamento longitudinal, em sessões quinzenais de cerca de 1 hora e 30 minutos de duração. Os acompanhamentos fundamentam-se nos estudos de Jakobson (1954; 1956); Luria (1973/1981) e Coudry (1986/1988; 2008; 2010), Morato (2010) e Bakhtin (1929/2006, 1979/1997).

O estudo de caso foi a metodologia mais indicada para o desenvolvimento da pesquisa em questão, tendo em vista que nenhum sujeito é igual ao outro e conseqüentemente nenhum caso será igual, dada a heterogeneidade do sujeito. A evolução do quadro do indivíduo, analisada sob a perspectiva do acompanhamento longitudinal oportunizará ao pesquisador a aproximação das questões individuais do sujeito afásico como: idade, fatores psicológicos (sendo mais frequente a depressão, visto que os sujeitos afásicos tendem a apresentar essa característica), fatores socioculturais, entre outros.

7.2 Dados do sujeito

O sujeito desta pesquisa é SS, brasileiro, sexo masculino, divorciado, 48 anos, possui ensino fundamental incompleto, exercia a profissão de cozinheiro e pai de dois filhos. Frequenta semanalmente o Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística- LAPEN. O Acidente Vascular Cerebral Isquêmico, ocorrido em 2008, acarretou uma lesão de aspecto sequelar nos lobos temporal e parietal esquerdos. SS apresenta dificuldades no âmbito da seleção de palavras, enunciados com muitas pausas, estereotípias verbais, parafasias fonéticas e fonológicas, dificuldades na leitura e escrita e utilização de enunciados gestuais e dêiticos (gesto de apontar).

Na época em que ocorreu o AVC, SS era proprietário de um bar e restaurante, levava uma vida agitada, cercado de pessoas e em constante interação. SS tinha apenas 44 anos, mas já apresentava sinais de um problema de saúde. Certo dia, enquanto cozinhava em seu bar, SS teve uma crise convulsiva. Foi rapidamente socorrido, não ficando com nenhuma sequela.

Porém SS continuou levando uma vida sedentária, com hábitos alimentares pouco indicados. Apreciava comidas gordurosas, e gostava de tomar uma bebida alcoólica chamada “batida”, a base de vodka, segundo ele sabia prepará-las muito bem.

Após o acometimento neurológico, SS passou por um período longo de isolamento, pois se tornou afásico e com dificuldades motoras, e segundo o mesmo, tinha vergonha de ver as pessoas. SS relatou que também não quis mais voltar à casa de seu pai, que fica em outra cidade, pois não queria ser visto daquela forma. SS passou a receber os cuidados dos filhos, porém informou que conversava muito pouco em casa, porque as pessoas não conseguiam entendê-lo.

Quando chegou ao LAPEN em 2012, indicado por seu neurologista, SS falava muito pouco, sempre apontava para a garganta, gesto que indicava que não conseguia falar e também não escrevia nem lia absolutamente nada desde 2008. Na ocasião, foi realizada entrevista com as pesquisadoras, Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, e Nirvana Ferraz Santos Sampaio para compreendermos o funcionamento linguístico-cognitivo de SS.

A afasia de SS se caracterizava por substituições fonéticas, dificuldades fonoarticulatórias, problemas em encontrar palavras e em situações de substituição fonética, não conseguia perceber a substituição e corrigi-las. Ou seja, tinha a sua capacidade corretora da linguagem alterada. Desta forma podemos considerar que a afasia de SS encontra-se entre a afasia motora dinâmica e afasia motora eferente, propostas por Luria. E no que tange a descrição de afasia de Jakobson, podemos considerar que SS possui problemas no âmbito de combinação e seleção, porém a predominância da sua dificuldade reside na seleção de palavras.

Sendo assim, nesta breve apresentação de SS, podemos perceber que sua vida mudou de forma significativa após a patologia. SS passou longos quatro anos isolado e excluído da sociedade. E passado o período “luto”, ele resolveu recomeçar e se empenhar para conseguir se reinserir na sociedade.

7.3 Dados da instituição

Esta pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística – LAPEN e no Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística CECIN, no âmbito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – Campus de Vitória da Conquista. Coordenado pela Prof.^a Dr.^a Nirvana Ferraz Santos Sampaio e acompanhado pela orientadora deste trabalho a Prof.^a Dr.^a Carla Salati Almeida Ghirello-Pires.

Aliado ao curso de pós-graduação *strictu sensu* em Linguística e também a atividades de iniciação científica do curso de graduação em letras o LAPEN/CECIN desenvolve atividades que tem como objetivo promover outros caminhos para que o afásico possa trilhar, a fim de que o mesmo consiga transpor as barreiras impostas pela patologia.

Após o acometimento neurológico a tendência é que a sociedade isole esse indivíduo, e as atividades no LAPEN/CECIN visam fazer com que esse indivíduo se sinta acolhido novamente. Realizamos o acompanhamento longitudinal individualmente e em grupo, mas sempre nos baseando nos pressupostos da Neurolinguística Enunciativa-Discursiva que prevê atividades contextualizadas, tomando como base situações e práticas discursivas cotidianas por meio dos diálogos, narrativas, reflexões, uma vez que o foco da análise é a linguagem em funcionamento. (COUDRY, 1986/1988; MORATO, 2002).

Normalmente os sujeitos afásicos frequentam o LAPEN/CECIN juntamente com seus acompanhantes e temos o cuidado de esclarecer acerca de todo o desenvolvimento da pesquisa, informando que os estudos ali implementados não oferecem riscos para os indivíduos. Por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido os sujeitos e acompanhantes conhecem melhor acerca das atividades e objetivos dos estudos. Informamos também que a pesquisa foi submetida à apreciação do comitê de ética e estamos autorizados a realizá-las.

As atividades individuais e em grupo são desenvolvidas no LAPEN semanalmente, e temos o cuidado de deixar os sujeitos totalmente à vontade. O trabalho é realizado com total profissionalismo, em clima amistoso e com um valioso suporte oferecido pela instituição.

O LAPEN/CECIN é um local que oferece acompanhamento a comunidade externa que possui algum tipo de patologia da linguagem, porém para nós, é o nosso campo de pesquisa, rico e dinâmico, onde podemos analisar a linguagem em seu funcionamento.

7.4 Método de Coleta de dados

A pesquisa em questão teve seu desenvolvimento dividido por etapas para que sua organização fosse satisfatória. No que tange o processo de coleta de dados, nos baseamos nos pressupostos da Neurolinguística Enunciativa-Discursiva e no modelo epistemológico de Carlo Ginzburg (1986), que versa acerca das pesquisas em ciências humanas por meio de análises implementadas a partir do paradigma indiciário. O autor investiga as marcas deixadas pelo sujeito, como pistas que precisam ser minuciosamente analisadas pelo investigador. Este é para

nós um trabalho importante, pois seu caráter interpretativista constitui-se como aliado para os estudos que consideram o sujeito na sua singularidade.

No entanto, para ler os dados foi necessário inserir-me no contexto em que eles ocorreram. Porém essa metodologia não busca analisar os dados de uma maneira isolada. A todo o tempo o contexto, as condições de produção, as relações discursivas, fizeram interconexão para que o dado pudesse emergir. Ginzburg (1989, p.177) afirma que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas, sinais, indícios que permite decifrá-las”.

Através dos detritos ou refugos, aquilo que para outros métodos não possui a menor importância, para a análise de dados por meio do paradigma indiciário faz toda a diferença. É no oculto, nos elementos de pouca importância que a riqueza do dado se revela. Por esse motivo o pesquisador precisa estar em constante contato com o sujeito da sua pesquisa. Dessa forma os sinais a partir do trabalho do pesquisador, serão decifrados.

Compatível à perspectiva de singularidade reveladora, proposta por Ginzburg (1989), Coudry formula a concepção do dado-achado, que trata de uma metodologia de coleta e análise de dados que são “achadas” pelo investigador, por meio do dado do sujeito afásico. Que segundo Coudry (2008) também trabalha com as pistas privilegiadas para compreender o dado.

Estes são os princípios metodológicos que nortearam a coleta e análise de dados para esta pesquisa. Os dados que surgiram das sessões de acompanhamento longitudinal foram inúmeros, mas elencamos alguns que serão analisados no capítulo seguinte deste trabalho dissertativo.

8 OS DADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dado 01 – Deus A-B-E-N-Ç-O-E.

Legenda

... = pausa longa;

* = imprecisão articulatória;

Em uma sessão de acompanhamento longitudinal, SS tenta recuperar a expressão “Deus abençoe” que rotineiramente era usada por ele e que após o AVC, não conseguia mais falar. Durante seu diálogo com a investigadora JAS, ele evidencia seu desejo.

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do enunciado
1	SS	Pain... pain	
2	IJas	Seu pai?	
3	SS	* ...	Longa pausa
4	IJas	O nome dele? É?	
5	SS	No, no, no, não	Sinal com a cabeça de negação
6	SS	*	Segura as duas mãos e balança
7	JAS	Bença? Deus te abençoe?	
8	SS	É, é, é, todo dia, *	Grande euforia
9	JAS	Todo dia	
10	SS	* todo dia * mi, mi.mi	
11	JAS	Emili?	
12	SS	É,é, é só uma vez, só uma vez	
13	JAS	Só uma vez o senhor conseguiu?	
14	SS	É, é, é	
15	JAS	É difícil né?	
16	SS	É difícil, é difícil	

17	JAS	Vamos lá. Deus abençoe	Falando pausadamente
18	JAS e SS	Deeeeus bençoa	Falando junto com a investigadora
19	JAS	Deus a-b-e-n-ç-o-e	
20	SS	Deus a-b-e-n-ç-o-e, abençoe, abençoe, abençoe, todo dia, todo dia	
21	SS		Faz sinal de pouquinho com a mão pedindo o prompt para a investigadora
22	JAS	Deus a	Escreve a frase num papel.
23	SS	Abençoe, abençoe, abençoe, abençoe... Meu Deus. Todo dia, todo dia.	

Tabela 1

No episódio acima, SS precisou da ajuda da interlocutora para resgatar um enunciado que antes do AVC era corriqueiramente utilizado por ele para pedir a bênção ao pai e abençoar a neta. É interessante observar que SS fez uso de gestos segurando as duas mãos, para significar o dito intencionado (linha 6). Evidencia-se aí o intuito discursivo de SS.

Diante do exposto, percebemos a importância da presença do interlocutor para captar o intuito discursivo, ou o querer-dizer, do locutor. Se faz necessário também o “querer-compreender”, ou seja, a vontade do interlocutor de entender aquilo que, com muito esforço, o locutor está tentando externar. Para isso o locutor fez uso de processos alternativos de significação, como por exemplo segurar as duas mãos, em sinal de pedir a bênção ao pai, que não podem ser desconsiderados, já que esta é uma estratégia utilizada pelo funcionamento da linguagem para significar o que se intenciona dizer.

As situações de interação são peça-chave para que a linguagem tome forma, se estruture. Bakhtin também compartilha desta concepção, apontando que a linguagem é resultado das situações dialógicas, onde se estabelece uma relação recíproca entre o locutor e o interlocutor,

pois “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. (BAKHTIN, 2006, p.125)

Mas ao citar a relação dialógica, o autor deixa claro que se refere a palavra “diálogo” em sentido amplo, não restringindo-a a comunicação em voz alta, entre pessoas que estão face a face, mas ele amplia o leque a toda e qualquer processo comunicativo.

Portanto, o autor aqui elencados, versam acerca da linguagem, não somente como suporte ou ferramenta, mas como atividade que é intrínseca ao ser o humano, que o constitui enquanto sujeito, o humaniza. O autor traz a visão da subjetividade construída na e pela linguagem e tendo como principal elemento as relações históricas, sociais, culturais que dialoguem com os sujeitos.

Dado 02 – Pouquinho, pouquinho, fala aí.

Na sessão de AL, a investigadora traz uma atividade composta por identificação da imagem, escrita da palavra e leitura, ou seja, SS terá que nomear o objeto apresentado, ler e escrever. Houve o cuidado de apresentar imagens que estavam situadas no cotidiano de SS, para que não acarretasse em uma situação descontextualizada.

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do enunciado
1	IJas	Tem uma na mão do senhor	Mostra a imagem de uma caneta
2	SS	Pouquinho, pouquinho, fala aí	Olha o objeto nas mãos depois faz sinal de pouco com a mão esquerda, solicitando que a pesquisadora lhe desse um prompt.
3	JAS	Ca	
4	JAS	Caneta, caneta, caneta...	Euforia
5	JAS	Muito bom, caneta, o senhor tem uma nas mãos.	

Tabela 2

Nesse episódio fica claro que o prompt dado pela investigadora é fundamental para que SS consiga externar a palavra, uma vez que ao ver a figura, de imediato reconhece o objeto. Mais uma vez reafirmando que não houve perdas na sua linguagem, mas desorganização. Por meio de estratégias simples o sujeito consegue falar a palavra. Outra questão importante é que a iniciativa é do próprio sujeito quando diz: “pouquinho, pouquinho, fala aí”, é perceptível que ele não quer ser falado pelos outros. O que SS quer são as pistas para que ele consiga acessar a palavra. Em situações como essa é importante não falar pelo outro, mas ajuda-lo o sujeito a fazer as suas construções discursivas.

Para a NED a linguagem é concebida como atividade criadora, Franchi (1976, 1977, 1986), traz para os seus estudos os conceitos de linguagem como atividade constitutiva e trabalho, levando em consideração os elementos históricos, culturais e sociais que cercam os indivíduos.

Ao abarcar o diálogo como sendo algo que constitui o sujeito, remetemos o nosso olhar ao indivíduo afásico que é colocado a margem da sociedade, um sujeito não-visto, desconsiderado. O comprometimento de linguagem muitas vezes faz com que os indivíduos sejam vistos como afetados em sua capacidade intelectual, tornam-se “ninguém”. Porém analisando a linguagem na afasia, podemos afirmar que em qualquer tipo de afasia não existe a perda da linguagem, o que está presente são as barreiras que impedem uma comunicação como antes era feita.

Dado 03 – Feijoadá

Durante a sessão de acompanhamento longitudinal, as investigadoras conversam com SS a respeito do bar e restaurante que ele possuía antes do AVC. Elas indagam acerca do cardápio preparado por ele.

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do enunciado

1	ICP	O que o Sr pôs na feijoada? Como é que foi? Como que o Sr fez a feijoada?	
2	SS	Gostoso	
3	ICP	Tava gostoso?	
4	SS	Aham, aham, foi ... limbita	
5	ICP	Linguiça	
6	IJAS	Linguiça	
7	SS	Aham, aham ... gustela	
8	IJAS	Costela	
9	SS	Aham, aham, poco, poco	Sinal com o polegar e indicador
10	SS	É...é... sei não, sei não, fala *	Balança a cabeça em sinal de negação
11	ICP	Linguiça, costela, o que mais?	
12	SS	É... * teís, teís	Mostra os três dedos, indicando o numeral 3
13	IJAS	Três? Teve o quê, pé de porco?	
14	SS	É, é, é, aham aham	Grande euforia
15	IJAS	Ah! Lingüiça, costela e pé de porco	
16	SS	Aham, aham, *, icou cherosa	
17	IJAS	Ficou cheirosa?	
18	SS	Gooooossssstoosa	
19	ICP	Ai que delícia! Se eu soubesse iria lá comer	

Tabela 3

Percebemos que mesmo com alterações significativas na fala, no caso de “limbita, gustela, poco, teís”, algumas falas inteligíveis, SS não deixa de participar do enquadre enunciativo. O assunto discutido transcorre com facilidade, pois é algo que faz parte do contexto de SS. As situações de repetição da fala de SS, são situações comum durante o processo

enunciativo-discursivo, onde pessoas que estão envolvidas na enunciação normalmente repetem alguns trechos da fala do outro.

Aqui a construção colaborativa foi de suma importância para que SS completasse seu discurso. Mais uma vez reafirmamos que SS não teve perdas com a afasia, houve desorganização da linguagem. O conhecimento de mundo, a memória de SS continuam intactas. O problema que fica evidente é a dificuldade no eixo paradigmático, pois SS apresenta dificuldade na seleção da a palavra.

Dado 04 – Televisão

Nesta sessão de Acompanhamento longitudinal, as investigadoras falavam sobre o dia a dia de SS no seu bar. Em um dado momento SS começou a relatar acerca das instalações do seu estabelecimento. SS estava explicando que seu bar/restaurante era um lugar agradável para as pessoas, segundo SS apresentava instalações confortáveis e de boa qualidade.

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do enunciado
1	ICP	Cada dia tá melhorando, isso que é importante	
2	SS		Faz gesto com as mãos em cima da mesa, delimitando o espaço de um quadrado
3	ICP	Que foi? Que foi seu S? que é isso aqui?	
4	SS	Assim ô	Repete o gesto com as mãos em cima da mesa, delimitando o espaço de um quadrado
5	IT	É a palavra que o Sr chegou falando hoje?	
6	SS	Não, não, eu sei, eu sei	Semblante triste

7	ICP	Eu sei que o Sr sabe. É de comer?	
8	SS	Não, não	
9	IJAS	Assadeira?	
10	SS	Não	
11	ICP	Fogão?	
12	IT	Geladeira?	
13	SS	Não, não	Repete o gesto com as mãos em cima da mesa, delimitando o espaço de um quadrado
14	SS	Dexa, dexa	Semblante entristecido
15	ICP	Não, não, a gente vai saber. Pera aí, o Sr tá fazendo assim: Tem onde? Usa pra quê? Vai falando, vai dando dica	Repete o gesto com as mãos em cima da mesa, delimitando o espaço de um quadrado
16	SS	Dexa, dexa	Balança a cabeça em sinal negativo
Recorte			
17	IT	É grande o espaço do restaurante?	
19	SS	Ahan, ahan	
20	ICP	Era isso que ele queria dizer, era a casa dele	O interlocutor interpreta como se o quadrado sinalizado por SS fosse o espaço geográfico de sua casa.
Recorte			
21	ICP	E tinha muita coisa? Tinha cardápio?	

22	SS	Aham, aham... som, som	Balança a cabeça repetidas vezes em sinal de afirmação
23	ICP	Tinha som?	
24	SS	Assim, assim	Faz um quadrado com as mãos
25	ICP	Caixa de som	
26	SS	Aham, aham, duas	Mostra o numero dois com os dedos
Recorte			
27	ICP	O Sr tá vendo, no fim das contas o Sr conseguiu explicar, tá vendo?	
28	SS	Aham, aham	
29	ICP	Que era lá no bar, que tem caixa de som, olha é assim, tem que ir falando	
30	SS	Te-le-vi-são, televisão, televisão, televisão	Grande euforia. Neste momento SS consegue selecionar a palavra televisão, mas as interlocutoras ainda não perceberam que esse era o dito intencionado na linha 2.
31	ICP	Televisão	
32	IJAS	Televisão	
33	ICP	Que legal	
34	SS	Duas, duas, aqui ô Grande, grande	Repete o gesto com as mãos em cima da mesa, delimitando o

			espaço de um quadrado
35	IJAS	Ahhhhh, era isso	A pesquisadora percebe que o que ele pretendia na linha 2 era uma televisão e não o espaço da sua casa.
36	ICP	Por isso que ele fez assim com as mãos	Repete o gesto com as mãos em cima da mesa, delimitando o espaço de um quadrado
37	SS	Aham, aham, grande, grande	Em tom de euforia
38	IJAS	Isso aqui não era espaço, era televisão	
39	SS	Tinta, tinta, tinta	Sinal com a mão indicando o número três
40	IJAS	Trinta polegadas	
41	ICP	Muito bom	

Tabela 4

Percebemos aqui que SS fez uso dos processos alternativos de significação para conseguir externar o dito intencionado, como não havia obtido sucesso, SS fez o que muitos afásicos fazem, desistiu de continuar o diálogo. Porém nesse momento o que é importante para a efetivação do processo enunciativo é a disponibilidade e cooperação do outro para que a interação se estabeleça. Percebe-se aí o trânsito intersemiótico em diversos momentos, tanto quando SS tenta gesticular referindo-se a “televisão”, quanto ele utiliza a negação ou afirmação balançando a cabeça, durante o processo discursivo.

Apesar de não conseguir expressar-se através do gesto a palavra televisão, SS a buscou, de modo que durante a conversa a palavra emergiu. O que é interessante neste dado é a forma como a palavra “veio” para SS. Fica evidente que o trabalho discursivo nesse caso foi

fundamental. Quando a palavra não “vem à boca”, não significa que ela não esteja presente. Nesse caso mesmo com a dificuldade de acesso, SS conseguiu, através de um trabalho com a linguagem ativo/responsivo do locutor e interlocutor, selecionar e externar o dito intencionado. É importante notar que os interlocutores também não desistem e mantêm a situação interacional, fato este que foi crucial para que SS chegasse à palavra alvo.

Dessa forma o processo dialógico proposto por Bakhtin (1929/2006) mostra como a cooperação entre as partes faz a diferença no momento da conversa com o afásico. A disponibilidade do outro é que vai delinear a situação discursiva, precisa existir a vontade de compreender, para que se efetive o processo enunciativo-discursivo.

De fato a linguagem contém aquilo que nenhuma consciência pode deter, aquilo que é exterior aos sujeitos. De acordo com Levinas, a partir da relação com o Outro, a linguagem se torna “encarnada”. No caso específico de SS, traçando uma reflexão levinasiana, o processo de significação não se deu por meio da mediação do signo, pois este não possui significação prévia. A significação aconteceu através do contexto, da relação interativa. É nesse momento que o signo adquire sua dimensão constituinte.

O trabalho com o dado achado faz com que o verbal/gestual sejam vistos com mais minuciosidade, a atenção para fatos como esse, são de extrema importância não só para o investigador, mas também para o sujeito da pesquisa.

A euforia, alegria e prazer ficaram visíveis no semblante de SS, pois ele conseguiu, sem prompt linguístico acessar a palavra desejada. Após o aparecimento da palavra “som” percebemos que SS consegue selecionar a palavra televisão, mostrando que há um encadeamento contextual, pois estas palavras estão dentro de um mesmo campo semântico (aparelho de som/televisão).

A criatividade na linguagem se fez presente em SS e mostra como o sujeito busca através de processos alternativos de significação, fazer parte do enquadre enunciativo. Mesmo sem sucesso as interlocutoras levaram o diálogo adiante sem que SS se sentisse, desestimulado, tal fato faz toda a diferença para o sujeito afásico.

Dado 05 - F..... 23

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do

			enunciado
1	SS	Assim ó, assim	Escreve no papel e aponta para a pesquisadora a letra F
2	Ijas	F, f de fogão	
3	SS	F de fogão	
4	Ijas	É, f de fogão	
5	SS	É, é bom, é bom, * * aqui	Faz pontinhos na frente da letra F querendo mostrar continuidade
6	Ijas	Fazer?	
7	SS	Ispea aí	E escreve o número 23 no papel
8	Ijas	Vinte e três?	
9	SS	É, É ***	Faz sinal com as mãos como se estivesse digitando
10	Ijas	Vinte e três. O quê que tem no 23?	
11	SS	Fogão, aqui ó	Continua fazendo sinal como se estivesse digitando e aponta para a letra f
12	Ijas	Fogão	
13	SS	Aqui ó, uma só, uma só, aqui ó *	
14	Ijas	Vinte e três? O que é que tem no 23 e o F? Vinte e três é uma data? Dia vinte e três?	
15	SS	Não, vinte e teís, vinte e teís, assim, assim, assim. Eu acho, eu sei não, eu sei não	Apontando para o papel, na frente do F, SS repete alguns pontinhos

16	Ijas	Eu também não, mas a gente vai descobrir agora. Vinte e três, um F e o vinte e três	Um pouco de riso
17	SS	Aqui ó, ó, ó	Com a caneta nas mãos SS aponta para os pontinhos
18	Ijas	O senhor quer o resto da palavra? Fogão	
19	SS	Não, assim ó, assim ó	Continua mostrando os pontinhos
20	Ijas	O alfabeto? 23 letras?	Em tom de susto
21	SS	Sim, sim, sim	
22	Ijas	Ahh tá, entendi	Coloca as mãos na cabeça como se não acreditasse no que acabara de acontecer

Tabela 5

Um dado como este revela muita coisa para o investigador. SS mesmo com a sua linguagem desorganizada, mostra que não “perdeu” a capacidade de refletir sobre a linguagem, sua capacidade metalinguística. Ele lança mão de estratégias para conseguir fazer com que a investigadora pudesse acompanhar seu discurso. Apesar de obscuro, quase um jogo de adivinhações, tanto locutor quanto interlocutora estão dispostos a interagir e concluir o diálogo.

Sem dúvidas os indícios, detalhes, situação que em uma análise cotidiana seriam descartados, para a Neurolinguística Enunciativa-Discursiva é de suma importância. Realmente trata-se de um dado achado pela investigadora, conforme Coudry (2007) explicita em suas pesquisas. Quando SS Utiliza a linguagem escrita, aliando o gesto à palavra, percebemos que a comunicação com o sujeito afásico é possível e dotada de rearranjos linguísticos, processos alternativos de significação.

Em se tratando de organização da linguagem, percebemos que nenhum dito de SS é incoerente, descontextualizado. Neste dado ele queria dizer que gostaria de voltar a conhecer as letras, voltar a reconhecer o alfabeto. Mas não conseguia falar a palavra “alfabeto”, mas não conseguia expressar a palavra. SS conseguiu acessar a letra [F] que para ele era proeminente. De acordo com Ginzburg (1986) essa é uma situação opaca ao investigador. Por meio de um

trabalho conjunto, SS pode ter sua subjetividade revelada, e externar sua vontade. Portanto percebemos a coerência de um dado como este, a sequência lógica como SS organiza a ação para se fazer entendido. Mais uma vez ele nos mostra através da linguagem em funcionamento, que é um sujeito da linguagem e que está presente de forma ativa na prática discursiva.

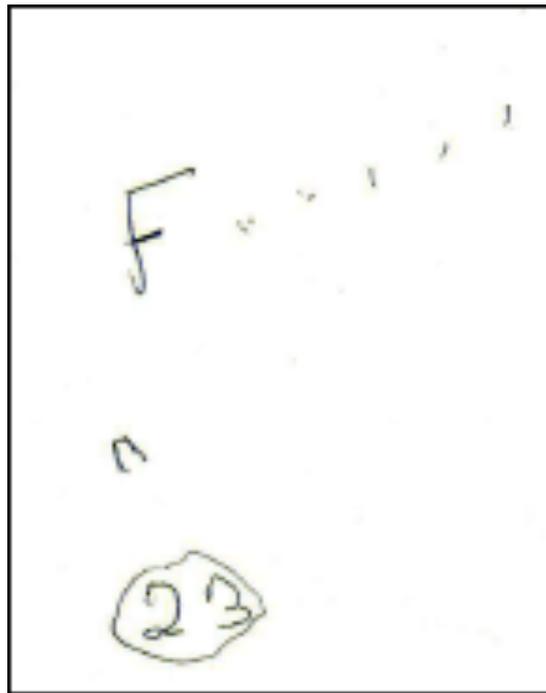


Figura 6
Escrita de SS

Dado 06 – Lápus

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do enunciado
1	Ijas	Então SS, me conte, como foi essa semana? O que eu quero hoje é escutar o senhor, mesmo com dificuldade, eu vou ter, eu vou ter paciência, vou aguardar.	
2	SS	Ahan, ahan, certo	Sinal com a mão espalmada, indicando que compreendeu.
3	Ijas	E senhor vai falar, fazer as conexões do que aconteceu, como aconteceu, o que o senhor fez. Qualquer coisa o senhor pede ajuda e a gente a ajuda.	
		Recorte	
4	SS	Relógio	
5	Ijas	Relógio	
6	SS	Celular, é...	Vê o lápis em cima da mesa, pega o lápis e depois faz o gesto (pouquinho) pedindo que a investigadora lhe dê um prompting.
7	Ijas	La	
8	SS	Lapus, lapus, lapus, é bom, é bom	
9	Ijas	Ô, ô pra mim. Lápis	
10	SS	Lapus	
11	Ijas	Não, Lápis	

12	SS	Lapus	
13	Ijas	Não é La-Pus é Lá-Pis	A investigadora fala pausadamente, olhando para SS.
14	SS	Lápis	Olha para a investigadora e faz esforço para conseguir falar a palavra
15	Ijas	Isso	
16	SS	Lápis, lápis, lápis, ga, gaças a Deus.	(euforia) Levanta a mão esquerda para o céu em sinal de agradecimento.

Tabela 6

Percebemos neste dado que a investigadora utilizou uma estratégia para que SS fosse o interlocutor principal na prática discursiva. Na linha 1, Ijas pede para que SS conte sobre a sua semana, e diz que vai escutá-lo com paciência e caso precise, vai ajuda-lo. É importante que SS se sinta confortável e seguro, pois sabe que relatar o que foi pedido não é uma tarefa fácil. A maior dificuldade de SS é o acesso à palavra, isso requer um esforço linguístico muito grande, e por diversas vezes SS fica pensativo, fecha os olhos, faz sinal pedindo paciência.

Seguindo os pressupostos da neurolinguística enunciativa-discursiva, podemos perceber o pleno funcionamento da linguagem em SS e este é o resultado de um trabalho com e sobre a linguagem. Ao oferecer atividades onde a primazia é o uso efetivo da linguagem, ou seja, através de práticas discursivas, SS consegue realizar com êxito o dito intencionado.

Perceba que na linha 4, SS usa o que Jakobson (1969) chama de traços pansemióticos, isso acontece quando o caráter icônico, , indicativo e simbólico estão amalgamados no discurso, que para ele esse é o mais perfeito dos signos. Ao fazer uso da tradução intersemiótica (que Coudry (2007) chama de processos alternativos de significação) no turno 4, SS verbaliza através do gesto, isto é o que a Neurolinguística enunciativa-discursiva chama de funcionamento criativo da linguagem, pois existe aqui o trânsito entre o processo de significação verbal e não-verbal. SS fez uso de múltiplas formas de significação, (i) a expressão

verbal, (ii) do objeto para a palavra (ao pegar o lápis e mostrar que estava escrevendo aquela palavra), (iii) e do gesto para a palavra (ao pedir um prompting a investigadora).

De acordo com os estudos baktinianos o *querer-dizer*, precisa estar associado à disponibilidade do interlocutor, a sua solidariedade. Dada a circunstâncias a investigadora conseguiu captar o *intuito discursivo* de SS, pois houve disponibilidade da parte de SS para externar seu pensamento, e da parte da investigadora para compreendê-lo. Neste momento se apresenta a verdadeira interação, que segundo Bakhtin (1979) ao perceber o querer-dizer do locutor, através do intuito discursivo é que se pode compreender o *acabamento* do enunciado. Ou seja, para Novaes-Pinto (2012) o intuito discursivo determinará o todo do enunciado.

Na linha 8, SS faz uma substituição fonética, e fala lapus, ao invés de lápis. A substituição do [i] pelo [u] é percebida pela investigadora que corrige SS. A “correção” não foi feita pela investigadora no intuito de padronizar a expressão de SS, mas como uma atividade linguística, chamando a atenção de SS para a sua expressão. Não abarcamos a concepção de erro durante o processo enunciativo de SS, mas chamamos a atenção para situações que fizessem com que, de fato houvesse um maior esforço por parte das áreas do cérebro de SS, no intuito de reorganizar a função corretora da linguagem que é natural aos indivíduos.

Desta forma podemos constatar que a função corretora da linguagem de SS foi prejudicada pela afasia. Porém através de um esforço linguístico significativo, SS consegue fazer a realização da palavra com sucesso. O que mostra que no processo interativo os sujeitos precisam estar dispostos, atentos, pois as organizações e reorganizações da linguagem são constantes e os sujeitos afásicos conseguem, por meio de outros caminhos, fazer parte da prática discursiva.

Dado 07 – Digital

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do enunciado
1	SS	Ó, ó, ó	Após escrever o nome, SS toca a ponta do dedo indicador no polegar

2	Ijas	Dói?	
3	SS	Não, não	Continua tocando a ponta do polegar
4	Ms	É por que é assim, ele foi no banco	
5	SS	É ruim, é ruim	Semblante triste
6	Ms	E ele tá fazendo digital	Assinando com a impressão digital do polegar
7	Ijas	Ahhh	
8	SS	É ruim, é ruim	Coloca o dedo polegar no papel, como se estivesse carimbando
9	Ms	Porque a identidade dele é assim e ele não pode escrever	
10	SS	É ruim né vei? É ruim	
11	Ijas	Não entendi	
12	Ms	A identidade dele não é escrita	
13	Ijas	Ahhh, então o senhor troca, SS	
14	Ms	E agora vai ter que trocar	
15	Ijas	Troca à identidade	
16	Ms	Por que agora ele quer escrever, não quer mais “coisar”.	
17	Ijas	Entendi	
18	Ms	Aí ontem ele quis escrever, só que não pode	
19	Ijas	Não pode, Vai no sac de manhã e troca a identidade	
20	SS	Ê, ê, ô, ô * ahhhhh	
21	Ijas	Que aí o senhor escreve a identidade e vai escrever de novo	
22	SS	Ahhhhh	

23	Ms	Agora eu acho que ele não vai conseguir escrever lá no sac não, porque a caneta agora é aquela digital, você vai escrevendo, ela é digital não é caneta normal, aí é muito difícil pra ele	
24	Ijas	Ixi	
25	Ms	Você vai escrevendo e aparece no computador, ela não aparece na folha	
26	SS	É ruim né vei?	Faz cara feia, de chateado, colocando o polegar no papel
		Recorte	
27	SS	Melhor, melhor	Mostra que escreveu o nome em letra cursiva e em letra maiúscula e aponta para a o nome escrito em letra maiúscula e diz que é melhor assim
28	Ijas	Melhor assim, que assim, assim a gente entende melhor. O senhor ficou chateado por que teve que colocar o dedo lá?	
29	SS	É ruim, é ruim	Apontando para o seu nome no papel

Tabela 7

SENI DE JESUS SOUZA

SENI DE JESUS SOUZA

A linguagem, enquanto atividade que constitui o homem, de acordo com Franchi (1977), o leva a enveredar por situações aparentemente inusitadas. Um sujeito que sempre foi destro e passa a apresentar hemiplegia do lado direito precisa desenvolver um trabalho linguístico-cognitivo muito intenso para aprender a escrever com a mão esquerda. Tal fato está diretamente ligado à autoestima de SS, que não queria mais colocar suas impressões digitais em documentos que antes do AVC ele assinava normalmente. SS fez um esforço que ultrapassa as barreiras da sua limitação física, e também a limitação linguística, tendo em vista que, após o evento neurológico, SS teve sua capacidade de leitura e escrita, desorganizadas de modo que esse sujeito estava há quatro anos sem escrever.

Assim, de acordo com os estudos empreendidos neste trabalho dissertativo, percebemos que para SS conseguir efetivar tal rearranjo foi necessário um trabalho conjunto de diversas áreas do cérebro. Uma vez que a lesão de SS encontra-se na região esquerda do lobo temporal, causando a hemiplegia do lado direito. O esforço cerebral para que SS conseguisse voltar a escrever, reconhecendo as letras que formam seu nome e utilizando a mão direita é um trabalho característico da plasticidade cerebral.

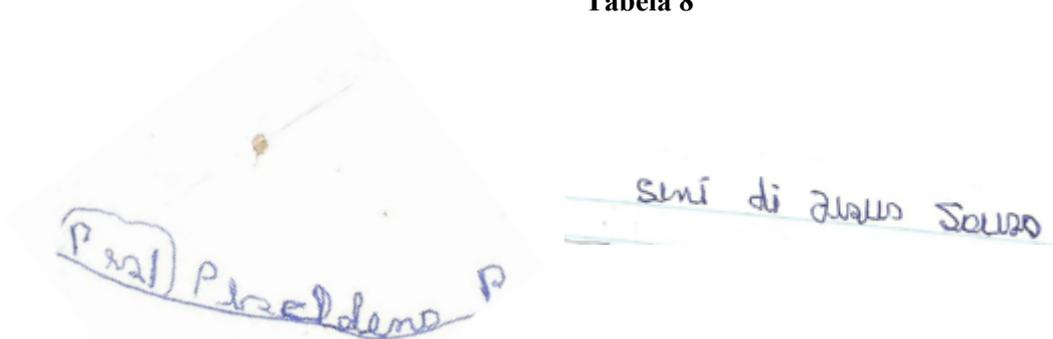
O dado apresentado traz a escrita de SS e mostra que o mesmo está longe de ser um incapacitado, agora ele é capaz de assinar seu nome em documentos, como qualquer outro indivíduo. Podemos observar que SS não quer ser diferente das outras pessoas, o sujeito se sente envergonhado por não poder assinar o nome diante da sociedade. SS quer recuperar a sua imagem, sua identidade, uma vez que SS é alfabetizado. Isso caracteriza o que Panhoca (2008) chama de ruptura no eixo afásico-sociedade. Já que o indivíduo agora é tido como incapaz. Uma situação como esta faz com que a autoestima de SS fique abalada. Durante todo o discurso o sujeito afirma que “é ruim, é ruim”, desta forma, podemos compreender que SS se sente incomodado com o fato de ter sido excluído por causa da limitação que carrega.

Dado08 – Painho

N. da linha	Sigla do Locutor	Transcrição da Fala	Observações sobre as condições de produção do enunciado
1	Ijas	O senhor estava fazendo isso em casa	
2	SS	Eu ã, ã, ó * É bom né vei?	Apontado para a cabeça
3	Ijas	Todo dia?	
4	SS	É, todo dia, ó ó, pea aí...pea aí...Teis, teis, teis veis, teis veis	Fazendo gesto com a mão, como se estivesse desenhando linhas na mesa. SS fica pensativo, tentando buscar a palavra. Após longa pausa, SS gesticula mostrando o número três.
5	Ijas	Escreveu três vezes?	
6	SS	É, é, mi, mi *, eu, *, uma eu, eu	
7	Ijas	O senhor escreveu?	
8	SS	Assim	Coloca o dedo indicador na mesa como se estivesse fazendo uma sequência.
9	Ijas	Seu nome?	
10	SS	É, é, é, é	
11	Ijas	Hummmm	
12	SS	O se, *, u, u	

13	Ijas	O me	
14	SS	Não, não...pain, painho, painho	
15	Ijas	O nome do seu pai?	
16	SS	Ahan, ahan, é, é...fala aí, fala aí	Tenta buscar a outra palavra, faz sinal com o dedo indicador e o médio juntos, indicando duas pessoas juntas.
17	Ijas	O quê? Qual?	
18	Ms	O nome de sua mãe	
19	SS	É, é	
20	Ijas	Ah escreveu o nome da mãe	
21	SS	É (risos) todo dia	Faz novamente o numero três com as mãos, reforçando que escreve o seu nome e o nome dos pais.

Tabela 8



Mais uma vez trazemos um dado da escrita de SS, que durante uma sessão de acompanhamento longitudinal disse à investigadora que já conseguia escrever o nome de três pessoas: seu pai, sua mãe e o seu. De acordo com Levinas (1980/2011) o desejo moverá o sujeito. Nesse caso o desejo de ser reinserido na sociedade, o desejo de não ser dito pelo outro, o desejo de ser visto enquanto sujeito capaz é o que move SS. Ele deixa claro, por meio do seu discurso e de suas ações que deseja reorganizar a sua linguagem verbal e escrita, uma vez que

essas formas de linguagem mais aceitas em nossa sociedade. O indivíduo que faz uso de recursos não oficiais, conforme explicita Coudry (2008), de imediato é excluído.

Bakhtin (1929/2006) afirma que o centro organizador da enunciação não está no indivíduo, mas naquilo que lhe é externo. Portanto o nosso mundo exterior é adaptável às diversas formas de expressão, assim, a linguagem de SS não deve ser diminuída, marginalizada, ela apenas é diferente. Durante o diálogo, notamos que não há nada desorganizado no discurso de SS. Ele traz consigo um discurso linear, coerente. Não há devaneios.

No processo de significação o que determina o tema é a conjugação de elementos verbais e não verbais. Desta forma, se segundo Brait (2005) a significação é a possibilidade de significar no interior de um tema concreto, SS formula o seu tema e significa utilizando os recursos que lhe são disponíveis.

SS utiliza o linguístico e o extralinguístico para significar, mas para que haja sucesso no processo enunciativo-discursivo, é necessário que esteja presente durante o processo interativo, o desejo e a solidariedade do outro na linguagem.

9 CONCLUSÃO

Findando as discussões deste trabalho dissertativo, constatamos que houve, de fato, resultados a serem considerados. Investigar a afasia por meio da Neurolinguística Enunciativa Discursiva fez emergir, inicialmente, o interesse nos processos alternativos de significação, pois esses processos são dotados de estratégias que amalgamadas a discursos verbais e não-verbais expressam o dito intencionado. Porém o dado fala com o pesquisador de tal forma que comecei a analisar a subjetividade que ficava explicitada por meio desses processos alternativos de significação. Dessa forma, busquei em Bakhtin e na sua filosofia da linguagem respostas para os meus diversos questionamentos.

Todo o acompanhamento longitudinal de SS foi pautado na ótica dialógica e interativa, proposta pela NED e por Bakhtin, que indicam as situações enunciativo-discursivas como realidade que fundamenta o ser. Ou seja, os sujeitos humanizam-se por meio das relações entre o Eu e o Outro, situações de alteridade, que serão mediadas pela linguagem.

Durante os encontros com SS, ele sempre explicitava o desejo de recuperar a fala, já que a fala é tida, na sociedade, como forma principal de expressão, meio dela o sujeito se insere ou se reinsere na sociedade. SS se sentia excluído por não mais fazer uso da linguagem verbal como antigamente. Porém durante as sessões de acompanhamento longitudinal sempre dialogávamos acerca da importância de levar seu discurso adiante, apesar das limitações. E ao longo do tempo SS foi aprendendo a não desistir, a se colocar, mesmo enfrentando algumas dificuldades. Essa atividade responsiva exercida no momento da interação, que chama a responsabilidade do outro para com o eu e vice-versa foram de suma importância para o desenvolvimento dessa pesquisa. SS que no início desistia das suas produções aprendeu, por meio dos acompanhamentos a buscar os processos alternativos de significação.

O querer-dizer, o intuito discursivo de SS, a solidariedade na linguagem, foram às pontes que se lançaram entre mim e o sujeito. De um lado um indivíduo afásico intelectualmente normal, segundo a ótica da NED, que produz um discurso coerente e que tem a sua subjetividade apresentada ali. Do outro lado uma pesquisadora atenta aos indícios, às pistas, e principalmente, uma pessoa mais humanizada, com um olhar mais atento as necessidades do outro, que alterou e foi alterada pelas relações estabelecidas com SS. E tal fato só foi possível por meio da linguagem.

Compreendemos que as relações dialógicas propostas por Bakhtin são de suma importância para a expressão da subjetividade de qualquer sujeito. Porém, para o indivíduo com

afasia, que tem suas competências linguísticas limitadas em decorrência do seu problema, o trabalho de ressignificação da linguagem tem uma importância maior.

Pensar os processos alternativos de significação, como estratégia linguística para que a subjetividade possa emergir, é antes de tudo olhar para o Outro. O Rosto do Outro a todo o momento me diz que precisa haver responsabilidade da minha parte, pois na afasia, para haver interação, é necessário compreender, por meio de um respaldo teórico, que os caminhos trilhados não serão os convencionais, portanto foi preciso desvestir-me do egoísmo e do ego, para fazer com que a palavra fosse à ponte entre o Eu e o Outro (SS) e assim nascer um terceiro, o Nós.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABISON, M. L. Em busca de pistas. In: _____. (Org.), **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 13-36.
- ALMEIDA, J. M. de. **Ética e Existência em Kierkegaard e Lévinas**. 1. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009. v. 500. 244p.
- ALMEIDA, E. S. S.; SAMPAIO, N. F. S. **Demência de Alzheimer: O processo de referenciação dêitica na constituição do sujeito**. GELNE, 2012.
- ANDRADE, M.F. **Neurolinguística Discursiva: Alguns pressupostos metodológicos**. Web Revista Discursividade. Edição nº 07, dez. 2010
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 1929/2006. São Paulo: Hucitec.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo, SP, 1979/1997.
- CAZAROTTI-PACHECO, M. **O Discurso narrativo nas Afasias**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- COUDRY, Maria. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. Análise de interlocuções com afásicos. 1986. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.
- _____. O que é o dado em Neurolinguística. In: Castro, M.F.P (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem Campinas**, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- _____. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 99-129, jan./jun. 2002.
- _____. **Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução**. Estudos da Língua(gem). Vol. 6, n. 2. p. 7-36. Vitória da Conquista, 2008.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. **O trabalho do cérebro e da linguagem: a vida e a sala de aula**. Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp. (Coleção Linguagem e letramento em foco), 2005.
- COUDRY, M.I.H; POSSENTI, S. **Avaliar discursos patológicos**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 5, p. 99-109, 1983.
- FEDOSSE, E. **Processos alternativos de significação de um poeta afásico**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: (22):9-39, 1977.**

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem.** Editora Martins Fontes. São Paulo, 1991.

GHIRELLO-PIRES. C.S.A, **A BOA E A MÁ LINGUAGEM: Divisão Entre o Desvio Normal e o Item Semiológico da Patologia.** Cesumar, vol 2, nº 2, p, 55-57. 2000.

GOMES. Tatiana de Melo. **Quatro estados de afasia e um sujeito da linguagem: um estudo neurolinguístico.** Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000436990>

ISHARA, C. **A-FA-SI-A: Um sujeito em cena.** Tese de doutoramento. Inédita. Campinas: IEL/UNICAMP, 2008

JAKOBSON, R. Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia. In: **Linguística e Comunicação.** São Paulo: Cultrix. p. 34 - 62. 1969.

KIYAN, L. **Repercussões psicológicas na relação entre o paciente afásico e seu familiar.** revista Kairós, São Paulo, 11(2), dez. 2008, pp. 197-213

LEBRUN.Y. **Tratado de Afasia.** São Paulo: Panamed, 1983.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade.** Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980/2011.

_____. **Humanismo do outro homem.** Petrópolis: Vozes, 1993/2012.

LURIA, A. R. **Fundamentos em Neuropsicologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos;** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973/1981.

MORATO, E. M. **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas.** São Paulo: Cortez, 2010.

NEGRÃO, A. M. G. e BARILLE, M. A. C. **Afasia: uma interface entre a fonoaudiologia e a psicologia.** Lato & Sensu, v. 4, n. 1. 2003

NOVAES-PINTO, R. **Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-históricocultural: inferências a partir do estudo das afasias.** *Letras Hoje.* Porto Alegre, V. 47 (1), p. 55 – 64. 2012.

_____. O conceito de fluência nos estudos **das afasias.** *Caderno de estudos linguísticos.* Campinas, Jan./Jun. 2012.

NOVAES-PINTO, R. & BEILKE, H. **Avaliação de Linguagem na Demência de Alzheimer.** *Estudos da Língua(gem).* Vitória da Conquista. Vol. 6 (2), 2008, p. 99-128.

PANHOCA. I. **O papel do cuidador na clínica fonoaudiológica – dando voz a quem cuida de um sujeito afásico.** *Distúrbio da Comunicação,* São Paulo, 20(1): 97-105, abril, 2008

PRESTES, V. M. M. **Afasia e plasticidade cerebral.***Revista CEFAC.* 1998

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala em foco.** Tese de Doutorado. Inédita. Campinas: IEL/UNICAMP, 2006.

_____. **Linguagem e envelhecimento na (re)invenção do cotidiano.** Anais do VII Congresso Internacional da Abralín Curitiba 2011.

SENNA, F. D. Substituições em testes de nomeação e repetição de indivíduos afásicos sob a ótica da fonologia de uso. Dissertação de mestrado. UFRJ, 2009.

TOAZZA, R. **Avaliação neurocognitiva em pacientes pós AVC: Uma Revisão sistemática da literatura.** Instituto de Psicologia UFRGS. Porto Alegre, 2010.